

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

**HISTÓRIAS DE MULHERES TRABALHADORAS EM
TUPACIGUARA-MG.**

RENIA LILIANE FERREIRA

RENIA LILIANE FERREIRA

**HISTÓRIAS DE MULHERES TRABALHADORAS EM
TUPACIGUARA-MG.**

Monografia apresentada ao curso de graduação em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial dos títulos de Bacharel e Licenciada em História.

Área de concentração: História Social.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Célia Rocha Calvo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Uberlândia- MG
2008

FICHA CATALOGRÁFICA

Ferreira, Renia Liliane, (1983)

Histórias de mulheres trabalhadoras em Tupaciguara- MG.

Renia Liliane Ferreira-Uberlândia, 2008.

Páginas nº 61

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Célia Rocha Calvo.

Monografia (Bacharelado) - Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia

História Social - Mulheres - Tupaciguara.

RENIA LILIANE FERREIRA

**HISTÓRIAS DE MULHERES TRABALHADORAS EM
TUPACIGUARA-MG.**

BANCA EXAMINADORA

Orientadora
Prof^ª. Dr^ª CÉLIA ROCHA CALVO
(UFU- Uberlândia)

Ms. JANAINA FERREIRA SILVA

Ms. JULIANA LEMES INÁCIO

Dedico este trabalho

A minha mãe porque acredito que sua
essência se tornou fundamental para
que eu chegasse até aqui.

Ao meu pai por ser um exemplo de
inspiração para que não desistisse.

Ao Delismar, meu companheiro, amigo
e amor que caminhou ao meu lado,
com palavras animadoras quando mais
precisei.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a. Dra. Célia Rocha Calvo pela orientação dedicada e competente, por compreender as dificuldades e a presença nas horas de dúvidas, mostrando caminhos possíveis.

Aos colegas do curso pelo companheirismo, amizade em momentos difíceis partilhados.

E as mulheres que confiaram suas histórias e pela receptividade que me receberam, possibilitando-me o desenvolvimento deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho aborda a experiência de mulheres com suas famílias vindas do campo para a cidade de Tupaciguara, as lutas dessas mulheres por sobreviver e viver. O espaço que “acolheu” essas mulheres é o bairro Tiradentes, local que muitas delas trabalham e relacionam com outros sujeitos sociais.

A pesquisa concentrou-se em depoimentos orais e mapa da cidade de Tupaciguara, para contribuir no processo de formação da cidade por sujeitos sociais.

A primeira parte deste trabalho foca nos diferentes significados que as mulheres enfatizam em suas narrativas a cidade, o lugar de onde falam e o reconhecimento de pertencimento.

Na segunda parte procuro refletir sobre o trabalho das mulheres e a rede de relações sociais constituídas na cidade, as pressões, sonhos como são elencados por esses sujeitos.

Palavra-chave: memória, mulheres, trabalho, cidade, Tupaciguara.

SUMÁRIO

RESUMO.....	05
CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	08
CAPÍTULO I: UMA CIDADE, MUITAS HISTÓRIAS.....	15
CAPÍTULO II: EXPERIÊNCIA DE MULHERES, TRABALHADORAS, MÃES, ESPOSAS.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
FONTES.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho aborda a História da cidade de Tupaciguara nas memórias de mulheres que mudaram das fazendas nos anos 1970/80. Ao trazer para reflexão a experiência de ser mulher, trabalhadora, mãe, esposa na cidade e identificar o significado, os sentidos construídos por essas mulheres faço no sentido de uma experiência social e procuro pensar o papel dessas mulheres como agente na história desmistificando a idéia da mulher passiva no processo histórico.

Quando estava próxima da escolha do tema de monografia I comecei a pensar sobre quais temas possíveis me despertava interesse. Primeiramente tive a certeza que queria realizar uma pesquisa historiográfica sobre a cidade em que nasci e moro que é Tupaciguara. Nas minhas lembranças desde menina e até hoje pude perceber o crescimento da cidade e a formação de bairros distantes do centro urbano, sempre que recordo morei nestes bairros (dois destes Tiradentes e Paineiras). Logo a minha subjetividade na pesquisa desde a escolha do tema se fez presente, pois queria estudar e conhecer melhor a história das pessoas simples que compõem e fazem a cidade de Tupaciguara.

A formação de novos espaços na cidade como o bairro Tiradentes que agregava sujeitos sociais com histórias similares sendo famílias vindas do campo (fato que descobri com as entrevistas), com baixa escolaridade e renda. Juntamente com suas famílias buscaram na cidade a partir dos anos 70, novas formas de viver e sobreviver daí apreenderam formas de trabalhar logo as relações sociais que se constituem entre esses sujeitos despertou-me interesse para a pesquisa histórica.

Ao conversar com os moradores do bairro Tiradentes sobre aquele espaço percebi que as mulheres, com que gravei as entrevistas, enfatizavam os viveres, as estratégias para sobreviver sendo conseguidas através das relações sociais constituídas e não falavam da “formação” do bairro em si, logo percebi que as relações sociais, ou seja, os sujeitos é que fazem, experimentam o processo histórico caso contrário minha pesquisa acabaria se tornando uma História de bairros que se tornariam sujeitos. Coube então refazer caminhos sendo essa ação singular no ofício de historiadora, dado a minha intenção inicial da análise calcada na História Social, para tanto a obra de THOMPSON foi primordial sobre a noção da Experiência.

Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro desse termo não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que

experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e sua cultura (as duas outras expressões excluídas pela prática teórica)...¹

Procurei nesta pesquisa lidar com mulheres, sujeitos reais que vivem, interpretam mudanças históricas, no trabalhar, viver, sonhar e frustrar-se, na cidade. Ao fincar minha pesquisa no campo da História Social acredito que é preciso investigar “*as lutas reais dos trabalhadores, seu conteúdo sua direção*”², e nessa pesquisa não é minha intenção ficar analisando meu objeto sobre esquemas e análises de organizações oficiais de trabalhadores. As indagações que fiz às mulheres e suas narrativas me fizeram refletir que ao “lado” da História Oficial, os diferentes sujeitos, mulheres, interpretam processos históricos, forjam alternativas dentro de um sistema político, econômico e cultural hegemônico.

Através de minhas leituras e como historiadora, compartilho com a linha de pesquisa histórica que ao pesquisar o processo histórico primam por olhar a História como não linear, busca olhar as singularidades da história regional, local, dessa forma história social é entendida nesta pesquisa como processo coletivo de grupos sociais e junção entre indivíduo e coletivo.

Minha intenção ao trazer a História da cidade de Tupaciguara, pelo olhar e vivências das mulheres trabalhadoras, esse critério de seleção foi dado a preponderância das mulheres nesse espaço da cidade sendo que, seus maridos em sua maioria continuam como bóias-frias no trabalho nas fazendas. Com olhar voltado para mulher trabalhadora cada uma com narrativa diferente busco refletir sobre as contradições e conflitos são elementos chaves para entender as trajetórias das mulheres que vieram do campo, porém no meu trabalho pude perceber continuidades e rupturas desse grupo social no viver na cidade.

Com o desenrolar da minha pesquisa fui e vou moldando uma concepção de história que não está pronta e acabada, pois juntamente com as fontes, percebi como o conhecimento histórico se torna um construir/refletir, uma busca em conviver com o indeterminado, diferenciado, “*quero destacar a importância de se perceber a diversidade, a diferença, as mudanças e as permanências*”³. Como enfatiza FENELON ao estudarmos a história social de trabalhadores não excluimos os sentimentos humanos esse é meu objetivo ao trazer para a

¹ THOMPSON, E.P. O termo ausente: experiência. **A Miséria da Teoria ou um planetário de erros: crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.p.182.

² FENELON, Déa R. **Trabalho, Cultura e Investigação Social: perspectivas de investigação**. Projeto História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: Brasil, 1981. p.24.

³ Idem, O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo? In: **História & Perspectiva**, Uberlândia, n. 6, p.9, jan/jun., 1992.

investigação histórica a história oral, logo os sujeitos sociais desta pesquisa tem o poder de falar sobre sua experiência de vida que é social.

A pesquisa de Maria Odila L. Dias contribui para que refletisse sobre como as mulheres lutam, forjam saídas para viver na cidade, ao retratar o processo de urbanização em São Paulo traz para a discussão como as mulheres pobres vivenciaram este processo, ou seja, a inserção da venda da força do trabalho feminino.⁴ Fez-me pensar a possibilidade de refletir a experiência social das mulheres trabalhadoras e moradoras na cidade de Tupaciguara, a atuação e a participação no processo histórico.

A escolha da fonte oral nessa pesquisa se tornou fundamental, pois busco memórias que não foram trazidas ao público como problematizadas do entendimento local, pois como sabemos fontes públicas, arquivos, dados estatísticos não conseguem trazer à luz enredos das mulheres que vieram do campo.⁵

Ao direcionar minha pesquisa para História Oral a faço na perspectiva de KHOURY, na qual as narrativas são *“um campo de exercício do direito, de expressar as interpretações e perspectivas de cada um; como um instrumento expressivo na afirmação de presenças sociais”*.⁶

A fala das mulheres ao enfatizarem suas lutas, expectativas, o modo de ver e posicionar ativamente diante das dificuldades gerando tensões e conflitos, possibilita a reflexão da experiência social e de uma à história das mulheres na cidade narrada sobre o seu olhar, enriquecendo o conhecimento histórico múltiplo e não uma História de vencedores e vítimas como enfatiza Bosi:

À medida que a história da civilização se desenvolve como um pacto e destruição é preciso esquecer suas vítimas. Se a memória dos mortos é perturbadora, mais ainda é dessas pequenas testemunhas que nos contam uma história em sentido inverso, a história que nos arrepia.⁷

A presença marcante das mulheres nos espaço da cidade, nesta pesquisa no bairro Tiradentes, comecei a observar e conversar com as pessoas daquele lugar sobre o quanto tempo estavam naquele ramo, se residiam próximo ou mesmo no bairro Tiradentes, para que dessa forma pudesse conhecer melhor as pessoas que circulavam por ali e que possivelmente conceder-me-iam entrevistas.

⁴ DIAS, Maria Odila L. da S. **Quotidiano e Poder: em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense.

⁵ Cf: SAMUEL, Raphael. História local e história oral. In: **Revista Brasileira de História**, v.9, n.19, São Paulo, ANPUH/Marco Zero, Set/1989/Fev/1990.

⁶ KHOURY. Y.A. Muitas Memórias, outras Histórias: cultura e o sujeito na História. In: FENELON, Déa, ET. al.(orgs). Muitas Memórias, Outras Histórias. São Paulo: Olho d'água, 2004.p.137.

⁷ BOSI, Eclea. “As Outras Testemunhas”. In: Dias, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e Poder em São Paulo, no século XIX**. São Paulo, Brasiliense, 1984. p.4.

Minhas primeiras entrevistas deram-se principalmente com as mulheres que trabalham com o comércio formal que são açougueiras, manicures, cabeleireiras, sorveteiras, logo, elas me informaram de outras amigas que também realizavam trabalho no bairro Tiradentes, assim, cheguei às salgadeiras, costureiras, diaristas, fazendo-me perceber uma rede de solidariedade com aqueles do bairro Tiradentes e próximo dali, ou seja, os “conhecidos”⁸.

Ao trabalhar com o sentimento de pertencimento ou não dessas mulheres à um determinado lugar, que é a cidade de Tupaciguara, dificuldades de ser trabalhadora, mãe e esposa procuro ressaltar a importância dessas mulheres através de seus enredos construídos. Analisá-las como agentes na História tendo como embasamentos teóricos, autores como FENELON, Maria O. Leite, PERROT e outros que dialogarei no decorrer do trabalho, direcionam a minha pesquisa que caminha para uma análise calcada na História Social do Trabalho. Segundo PERROT:

A história das mulheres mudou. Em seus objetos, em seus pontos de vistas. Partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada para chegar à história no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma das mulheres ativa, múltiplas interações que provocam a mudança.⁹

A obra de PERROT fez-me compreender que na fala das mulheres, as mudanças estavam sendo traduzidas na forma de mostrar como os ganhos, o trabalho na cidade, os projetos realizados ou por realizar elas eram agentes dessas mudanças.

As mulheres, sujeitos sociais, que selecionei pela procura e importância nos bairros que estive observando de início receberam - me com cautela, pois primeiramente precisei informá-las quem eu era e para qual fim essa pesquisa se destinaria e tivemos muitas conversas informais (que não foram gravadas) para que conseguisse ganhar a confiança dos sujeitos que selecionei. Logo, pude constatar como uma igualdade possível se torna fundamental o desenvolvimento da pesquisa.

Com o tempo e através de várias visitas às mulheres tive mais contato com meus sujeitos procurei demonstrar através de conversas informais qual a minha posição de que lado eu estava. Assim, foi fundamental explicar qual a proposta da pesquisa mesmo que de forma crua, pois no começo as mulheres acreditavam que eu era funcionária do governo ao comentar que iria fazer perguntas pessoais sobre a vida delas. Para que minha investigação histórica

⁸ Termo utilizado pelas pessoas que entrevistei e conversei no comércio do bairro Tiradentes.

⁹ PERROT, M. Minha História das Mulheres. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. p.15.

através das fontes orais compreendesse os modos de vida, o trabalho das mulheres que nos indica a refletir suas representações, simbologias e realidade históricas, pôde perceber que PORTELLI ao conceituar a igualdade possível entre os dois sujeitos, pesquisador e objeto aborda no sentido da busca do pesquisador a se posicionar com suas verdadeiras intenções; e esclarecer a que veio, quem é; para desse modo conseguir o mesmo de seu sujeito para dessa forma tentar compreender através dos depoimentos as vivências e experiências das mulheres selecionadas nesta pesquisa.¹⁰

O fato de conversar com mulheres e ser mulher contribuiu para que entrássemos em lacunas, tensões sobre as dificuldades e ganhos de ser trabalhadora, mãe, esposa. E a seleção de outras mulheres por indicação das primeiras que conversei não seria possível, pois, assim que conversava com Euriciene ao dizer que sua amiga Dona Hualda me indicara de certa forma eu já era bem vinda, fazendo com que eu refletisse sobre a experiência de PORTELLI na Itália.¹¹

No ir e vir do trabalho de campo, leituras e conversas com a professora e minha orientadora Célia, pude perceber que as mulheres através das narrativas buscaram ressaltar suas histórias, experiências de estar e pertencer naquele local, dessa forma reelaborei juntamente com minhas fontes outro roteiro. O historiador que escolhe trabalhar com as fontes orais tem o privilégio de fazer indagações que os inquietam e receber respostas que faz com que refaçamos nosso caminho. As fontes orais nos possibilitam lidar com o sensível, com o humano, porém cabe a nós historiadores fazermos nossas críticas às fontes, pois como documento histórico são representações de um grupo, elas buscam deixar a sua versão de como vivenciaram ou não momentos históricos.

As mulheres sujeitos sociais dessa pesquisa na sua maioria residem e trabalham no bairro Tiradentes, são mulheres, trabalhadoras, casadas e tem filhos. Os diálogos que tive com as mulheres geralmente deram em suas residências ou no trabalho pela falta de tempo das mesmas mulheres, e ainda quando não foi nos “dois” lugares, pois muitas dos sujeitos que conversei trabalham e residem no mesmo local. Para chegar até as mulheres que entrevistei foi um passo da pesquisa prazeroso e árduo.

Prazeroso, pois possibilitou conhecer melhor as atividades de muitas pessoas que antes me passava despercebida e ainda desvendou-me como os trabalhadores sentem e reage às transformações de uma vida cada dia mais voltada para o trabalho.

¹⁰ PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. In: **Projeto História**, n14, São Paulo, Brasil, fev./1997.

¹¹ Idem.

Árduo no início, no sentido das dificuldades, receio de chegar e começar a puxar uma conversa com as pessoas daquele espaço com suas diferentes atividades, e então, a partir dessas conversas ir atrás de pessoas que concederiam me um tempo de suas vidas corridas para eu escutar e buscar compreender suas narrativas a partir de minhas inquietações.

O sentimento de ser moradora e cidadã para as mulheres e demais sujeitos sociais que dialoguei se insere no seu trabalho nas relações sociais constituídas, pois, através dele é que estes me falaram de como lutaram para melhorar suas condições de sobrevivência e de sua família.

Neste novo roteiro procurei compreender minhas mulheres no presente e passado, como se vêm no trabalho que realizam, como foi chegar até ele, qual percurso elas percorreram. Percebi que as fontes direcionaram-me para novos problemas vividos pelas mulheres dessa forma na investigação histórica é fundamental que conceitos sejam reelaborados, diante do que as fontes nos indicam, no ir e vir do historiador com seus pressupostos este encontra novos olhares com as perguntas que fazem parte das experiências dessas mulheres.

Nesse trabalho registrei sete narrativas, conversei com outros sujeitos, mas preferi conversar e refletir através destas, pois elas incitam um pouco da experiência social de muitas mulheres, pois com significados diferentes de me relatar suas experiências possuem muitas lutas em comum.

As mulheres, que com muita atenção concederam-me um tempinho na sua vida corrida, nos relatos fizeram com que eu percebesse que os sujeitos sociais que pesquiso têm em comum: o fato de após os anos de 70/80 mudarem para a cidade de Tupaciguara com suas famílias em busca de melhores condições de viver e sobreviver (moradia, alimentação, vestimenta, educação) que na fala das mulheres foram conseguidos com trabalho manual fio condutor desse trabalho de monografia, são casadas, tem filhos enfim pertence, a um grupo social de baixa renda, com muitas lutas no passado e no presente.

FENELON ao enfatizar essa relação presente-passado, contribui para que *“a relação do momento do qual partimos, ou seja, entre nossos problemas, nossas lutas e a experiência histórica de outros momentos, para conseguir assim politizar a história que transmitimos e produzimos”*.¹² Ao definir meu tema de monografia procurei pautar primeiramente no trabalho realizado no presente pelas mulheres, e suas lutas no presente para que com o próprio

¹² FENELON, Déa. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo? In: **História & Perspectiva**. Uberlândia, n. 6, p.6, jan/jun., 1992.

decorrer de nossa conversa, minhas entrevistadas trouxessem para sua narrativa lembranças que faziam parte e significados de sua história, e trouxessem para a narrativa seus desejos e ações para seu futuro e de sua família, bairro e cidade.

Diante do exposto esta pesquisa foi dividida em dois capítulos. No primeiro busco compreender como as mulheres traduzem elencando na memória o processo da mudança para a cidade e em qual espaço da mesma esse grupo se localiza, quais as estratégias para morar e como e onde esses sujeitos sentem e significam serem moradores e autores da História de Tupaciguara.

O segundo capítulo voltou-se para a atividade das mulheres na cidade, o apreender deste trabalho, as relações sociais em torno do mesmo e a vida familiar sendo organizada para que essas mulheres consigam trabalhar. Ao elencar o trabalho das mulheres neste capítulo os valores são trazidos para a discussão, pois não estão separados logo se tem rupturas e permanências desses valores, pressões, frustrações e ganhos, nas narrativas das mulheres, para viver e sobreviver na cidade.

CAPÍTULO I

UMA CIDADE, MUITAS HISTÓRIAS

No presente capítulo, busco compreender a História da cidade de Tupaciguara via memórias das mulheres, as práticas sociais que estes sujeitos forjam, estratégias, para sobreviver e viver na cidade. Para o proposto as minhas inquietações procuro compreender a fala das mulheres, e assim identificar como elas, sentem as transformações pelas quais passaram com a migração para a cidade, nas relações de trabalho, a luta no dia-a-dia e a conquista da moradia sendo esta próxima do trabalho e este participante na construção da moradia, na sobrevivência e vivências das famílias.

A cidade de Tupaciguara¹³ é uma cidade bonita, cheia de praças, com poucos edifícios. Adentrando a cidade após fazer o trevo e seguir pela rua principal que é a Bueno Brandão chega-se ao centro. Este é composto pelas agências bancárias, lojas luxuosas, mansões, serviços públicos concentrados de atendimento aos moradores de Tupaciguara.

As rodovias BR 452 e MG 223 que passam pela cidade de Tupaciguara são muito movimentadas ligando o estado de Goiás a São Paulo, pois para chegar a Tupaciguara o acesso é majoritariamente via rodovia. O transporte cargas utiliza bastante essas rodovias sendo as cargas principalmente de grãos, e estes grandes fomentadores da economia da cidade de Tupaciguara.

Tupaciguara é uma cidade pequena, têm-se poucas e pequenas indústrias, a agricultura com a inserção cada vez maior em tecnologia visando maiores lucros fomenta o comércio da cidade. E o comércio é bastante expressivo na vida dos Tupaciguarenses, pois praticamente os grupos sociais que não estão ligados às terras sejam os proprietários de fazendas ou trabalhadores rurais, trabalham no comércio nas suas mais diferentes formas e condições.

O investimento de tecnologia na agricultura fez e faz, além de outros fatores, muitas famílias mudarem para a cidade de Tupaciguara, porém muitos trabalhadores rurais continuam hoje como bóias-frias na fazenda, e as suas famílias buscando inserir na cidade.

¹³ A cidade de Tupaciguara localiza-se na Mesorregião do Triângulo mineiro na longitude: -49° (oeste) e latitude: -18,4°(sul), fica distante 614 quilômetros da capital do estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, e 465 quilômetros de Brasília. O município de Tupaciguara limita-se a leste com os municípios de Araguari e Uberlândia, ao sul com Monte Alegre, a oeste com Araporã e Centralina e ao norte com o Estado de Goiás. A área do município tupaciguarense é de 1.826 Km².¹³ De acordo com o último censo do ano de 2000, a população urbana registrou-se 20.621 e a rural com 2.496. Informações: IBGE, 18 junho/2007.

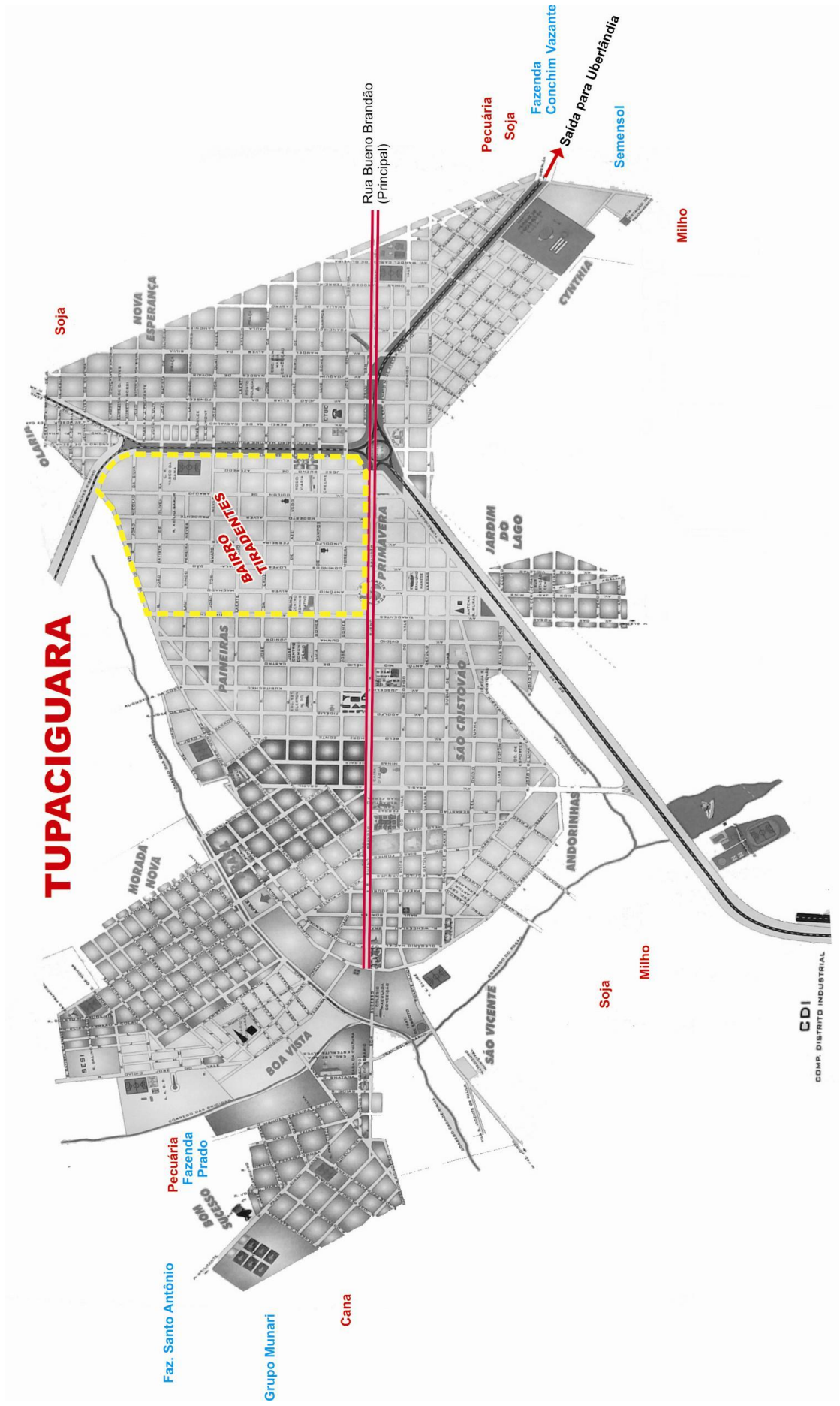
Nas fazendas que se inserem como Zona rural de Tupaciguara percebe-se como a agricultura é importante para essa região, (ver mapa) sendo a soja, milho e cana-de-açúcar juntamente com a pecuária as atividades desse setor.

Ao chegar à cidade de Tupaciguara, percebe-se que o crescimento da mesma foi e é bastante acentuado no sentido da BR 452 indo para Uberlândia. A maioria das famílias vindas do campo buscando uma possibilidade de sobrevivência na cidade procurou uma forma de ter direito à cidade, e “coube” para essas famílias próximas a BR 452 que era o “final” da cidade esta foi a forma encontrada das famílias para viver na cidade.

A minha intenção de marcar no mapa de Tupaciguara algumas plantações é no sentido de mostrar como que a fala das mulheres indicam a presença do trabalho de seus esposos na lavoura sendo a “zona rural” de Tupaciguara.

Logo, a cidade entendida sobre diferentes sonhos e projetos não pára de crescer, o mapa da cidade indica esse crescimento e a forma que dá-se o mesmo. As mulheres com que conversei moram no bairro Tiradentes, na cidade de Tupaciguara. A cidade está dividida em 15 bairros, divididos pela Prefeitura Municipal, sendo demonstrados no mapa da cidade do ano de 2007.

Achei necessário inserir no mapa como a cidade está cercada de grandes plantações que influenciam a economia e as diferentes classes sociais. A presença do capitalismo agrário está intimamente ligada à vida das mulheres dessa pesquisa, pois seus companheiros são trabalhadores dessas plantações e retornam no fim do dia para suas casas.



No mapa da cidade de Tupaciguara percebemos que o crescimento dessa cidade é expressivo no sentido da BR 452 em direção à cidade de Uberlândia. Este crescimento e formação dos bairros Tiradentes, Paineiras, Nova Esperança se deu com loteamentos, a diferença de organização das ruas com os bairros Centro, Brasil, Andorinhas nos sugere diferentes processos de ocupação dos moradores para esses locais.

As mulheres mudaram para a cidade de Tupaciguara nos anos de 1970 e 80 se localizarem nos bairros mais afastados do bairro Centro. Nos anos 70 e 80 era os bairros Tiradentes e Paineiras nos quais não tinham condição de moradia. Ao indagar Dona Euriciene se sempre morou na cidade de Tupaciguara esta disse-me:

Quando eu era pequena morava na fazenda (Fazenda da Várzea próxima a Tupaciguara) e com 12 anos vim morá em Tupaciguara e tou até hoje.
(Renia) - Com 12 anos você já morava neste bairro (Tiradentes) ou não?
É mais na época era perto do que hoje é o centro comunitário, mas só que nessa época não tinha assim bairro, era poucas casas.¹⁴

Neste trecho da narrativa de Dona Euriciene nos dá mostra de como a realidade dos moradores do bairro Tiradentes era difícil e a luta dos mesmos por pertencer a algum lugar da cidade de Tupaciguara neste caso o que viria a ser o bairro Tiradentes.

Na narrativa de Euriciene o referencial lembrado, centro comunitário, traz a importância do mesmo na sua vida, com campanhas de doações de roupas de frio, alimentos etc., pois este foi construído pela prefeitura dado a urgência de “assistência” básica para os moradores de bairro Tiradentes e Paineiras.

O bairro Tiradentes, local no quais as mulheres sujeitos sociais que entrevistei trabalham e residem que teve sua formação, de acordo com os moradores, em 1974, sendo estruturado a partir de loteamento. Loteamento este que se deu de diferentes formas, mas a principal era a compra da prefeitura de lotes de fazendeiros, próximo a BR-452, e a venda para moradores que não tinham condições de comprar lotes em outro local da cidade.

Na fala de Sueli sua percepção do lugar, bairro/cidade, que reside há alguns anos é interpretada pela sua trajetória e da família em busca da casa própria e de trabalho. “*Pois a gente juntô um dinheirim e com a vinda pra cidade o acerto do João Roberto deu pra pagar, e aqui os terrenos era mais barato do que em outros lugar*”.¹⁵ A narrativa de Dona Sueli mostra como as famílias trabalhadoras são deslocadas e com os preços de lotes mais baratos, sem estrutura, sendo mais afastados trilham o sonho pela casa própria, formando ali, no bairro Tiradentes, um local social de identificação.

¹⁴ Euriciene Miranda Stort. Costureira. Entrevista realizada em 05/10/2007. Tupaciguara-MG.

¹⁵ Sueli Aparecida da Silva. Salgadeira. Entrevista realizada em 24/11/2007. Tupaciguara-MG.

Ao questionar as mulheres sobre desde quando residiam na cidade de Tupaciguara e no bairro Tiradentes sendo que a maioria veio das fazendas, a fala de Dona Hualda sendo moradora do bairro desde sua formação é bastante expressiva.

Dona Hualda Martins Mamede Alves foi uma das primeiras mulheres que entrevistei, têm dez anos que sua profissão é ser açougueira, sendo o açougue dela e do marido e localizado juntamente com a moradia no bairro Tiradentes.

Dona Hualda é casada, teve um filho deficiente que já falecera o qual ao comentar sobre o assunto espontaneamente trouxe para ela muitas recordações. No ano de 2007 quando realizei a entrevista Hualda estava com 57 anos e 29 destes sendo casada foi quando mudara para a cidade de Tupaciguara-MG. Na sua atividade de ser açougueira ela disse-me muito realizada, pois não gostava de ficar o dia inteiro em casa, e me relatou que também no início do casamento antes de ter seu filho, trabalhava também de costureira. Ao falarmos sobre o crescimento da cidade e como se dera a formação do bairro tive o seguinte relato:

É... é desde 1978 que moro aqui, foi o ano em que casei. Meu marido já morava na cidade, aí eu mudei pra cá. Porque a cidade quando cheguei aqui tinha até a avenida Tiradentes, aqui só tinha umas casas espalhadas, sabe num era bairro ainda não. A primeira casa que construí não tinha nem poste de energia, aí a rede não passava por aqui, aí chegou o asfalto, era de chão batido, era o que a gente tinha condição então fazer o que, aí na esquina debaixo tinha energia aí a gente fez um gato. Aí o bairro foi crescendo aí hoje tem muitas pessoas né¹⁶.

É interessante como Dona Hualda inicia sua narrativa com a lembrança do ano de 1978, ano que casara e a chegada na cidade de Tupaciguara, ao bairro Tiradentes remetendo para o ano que casou, significando a formação do bairro com a sua experiência de vida.

Na fala de Hualda sobre as mudanças “*Aí o bairro foi crescendo aí hoje tem muitas pessoas né*” sua memória ativa o passado dialogando com o presente, dando significado as experiências vividas e novos embates postos no presente, e ainda traz para nossa conversa os sujeitos sociais que fazem parte de sua vivência no trabalho e são agentes nesse espaço.

Dona Hualda ao falar sobre o crescimento da cidade de Tupaciguara, as intervenções da prefeitura no seu bairro, percebeu que as mulheres trazem para sua narrativa a afirmação das melhorias sendo elas autoras e reivindicando aquele espaço. Logo, percebe-se a tensão de buscar através da narrativa de legitimar as lutas desses sujeitos como ativos, pois percebi na fala das mulheres a busca por evitar em falar do poder público, colocando as suas relações noutras esferas.

¹⁶ Hualda Martins Mamede Alves. Açougueira. Entrevista realizada em 03/10/2007. Tupaciguara-MG.

Nas falas de Dona Euriciene, Hualda, Maria Helena sobre o local que moram hoje que “*não era bairro não, só tinha assim algumas casas espalhadas*” mostra os terrenos em áreas fora do perímetro urbano com destino à população pobre. Com isso os limites entre o rural e o urbano se perdem, refletindo a crise urbana em não atender igualmente a todos os seus integrantes.

Euriciene tem 46 anos, trabalha como costureira em sua residência, pois no dizer da mesma “*não agüento ficar quieta apenas com o serviço de casa*”. Euriciene casou com 21 anos e tem dois filhos, aos 12 anos mudou da fazenda Da Várzea com a família para a cidade de Tupaciguara no fim bairro Paineiras e início do Tiradentes.

No início de minha entrevista com Dona Euriciene perguntei em qual bairro ela residia e tive a seguinte resposta:

Então aqui está como Paineiras, mas essa avenida é a Tiradentes e todo mundo acha que aqui é Tiradentes, porque é aqui que começa o bairro Tiradentes né, ah, mas a gente aqui considera Tiradentes, tem 23 anos que eu moro nesta casa.¹⁷

Na fala de Dona Euriciene esta tem em mente um mapa social, ou seja, das relações sociais que vão além dos limites dos bairros, pois a divisão oficial dos bairros Tiradentes e Paineiras acabam por forjar limites. Os sujeitos sociais que moram e trabalham nestes bairros possuem relações sociais muito próximas, sendo o trabalho o elo para as amizades e transformações desses agentes nesse espaço.

Logo a narrativa da Dona Euriciene expressa o sentimento de demais sujeitos sociais daquele espaço, a formação de outro “mapa”, ou seja, um mapa social, que não o feito pela Prefeitura, sendo este novo mapa extinguindo essa fronteira e colocando uma nova simbólica na quais as relações sociais vão modelando esse novo espaço. Ao me dizer que tem 23 anos que mora na sua casa, Euriciene enfatiza na sua narrativa a sua presença na formação daquele espaço, demonstrando como o constituir-se de um lugar é impregnado das histórias dos sujeitos eliminando as fronteiras entre o público e o privado.

A Avenida Tiradentes para essas moradoras do bairro é mais que um local de passagem, pois, como enfatizou Euriciene “*aqui começa o bairro Tiradentes né*”¹⁸, o interpreta remetendo a experiência de quando chegou a Tupaciguara e deparou-se com dificuldades sendo moradora do bairro Tiradentes.

Dona Maria Helena Magalhães, trouxe, através de sua memória, uma narrativa que expressa bastante à busca de enfatizar sua trajetória enquanto sujeito ativo, sendo uma das

¹⁷ Euriciene Miranda Stort. Costureira. Entrevista realizada em 05/10/2007. Tupaciguara-MG.

¹⁸ Idem.

primeiras moradora do bairro. Entrevistei a Sr.^a Maria Helena no dia 18/11/2007 nessa data ela estava com 42 anos, nós conversamos na sua residência que fica localizada no bairro Tiradentes. Dona Maria Helena relatou-me que trabalha como manicure nos dias atuais e continua a fazer bico como diarista, quando criança e adolescente “ajudava os pais na lida nas roças” com 19 anos viera para a cidade de Tupaciguara, o motivo da vinda para a cidade fora para trabalhar, é casada há 20 anos e tem dois filhos.

Quando cheguei aqui (Tupaciguara), num tinha casa não aí eu e meu marido moramo de aluguel lá no são Cristovão (bairro), aí né a gente pensô é vai ter que ser lá pra cima pra gente consegui comprá um terreno pra construí né, aí eu lembro que aqui ó ao redor tinha quase nada não, só até na Tiradentes (avenida) perto de antigo aeroporto, hoje nem existe mais então a gente comprô esse terreno, perto da Tiradentes né que já tinha algumas casas...¹⁹

A fala de Maria Helena sobre o início da luta por um espaço na cidade e tendo como referencial a “possibilidade” de residir próximo a avenida Tiradentes mostra a tentativa de ficar próxima a “cidade”, sendo que naquela época anos 70/80 o bairro Tiradentes estava em fase de constituição pelas famílias geralmente vindas das fazendas.

A avenida Tiradentes é significada pelas mulheres como um referencial de localização, sentido de ir morar na cidade, sendo a narrativa a forma de expor como esta avenida é lembrada, logo a fala de Euriciene e Maria Helena em enfatizar esta avenida sendo o início do bairro Tiradentes.

O acesso dos moradores do bairro Tiradentes para a rua “principal” da cidade é feito via avenida Tiradentes assim essa avenida significa mais que um local de passagem e sim o caminho a ter direito a transitar outros lugares da cidade.

Ah eu tenho boas lembranças, mesmo que foi difícil nos primeiros anos quando a gente veio pra cá (cidade), mas eu sinto bem aqui, pois conheço as pessoas, olha quando começou a formar o bairro, era muita ajuda, aí minhas vizinhas falava que assim tal dia ia ter doação de leite de soja e era na avenida Tiradentes, aí ajudava né, porque os meninos gostava, e tinha um tantim pra cada família, naquela época era muito difícil.²⁰

Na fala de D. Sueli ao falar do passado esta o faz tendo o presente em mente, pois, as relações de amizade estão com as bases sólidas nas dificuldades de sobreviver na cidade. A avenida Tiradentes simboliza para Sueli um local de solidariedade para com as famílias do bairro Tiradentes.

Dona Hualda traz as lembranças de quando mudara para a cidade na sua narrativa nota-se a percepção de como era o espaço que constitui as relações de amizade, o sonho da

¹⁹ Maria Helena Magalhães. Manicure. Entrevista realizada em 18/11/2007. Tupaciguara-MG.

²⁰ Sueli Aparecida da Silva. Salgadeira. Entrevista realizada em 24/11/2007. Tupaciguara-MG.

casa própria. *“Porque a cidade quando cheguei aqui tinha até a avenida Tiradentes, aqui só tinha umas casas espalhadas, sabe num era bairro não”,*²¹ A avenida Tiradentes é traduzida por D. Hualda sobre o início de sua vida na cidade, na qual a sua residência estava para além dessa avenida inserida sem as condições mínimas do que seria para ela viver na cidade.

Através do diálogo com as mulheres e demais moradores do bairro Tiradentes com o gravador desligado pude perceber na narrativa delas que a formação e crescimento dos bairros Tiradentes e Paineiras no qual estas mulheres moram e trabalham existe uma relação de pertencimento e agente transformador daquele espaço.

Percebo que rua para essas mulheres é mais que um local de passagem, sendo as relações sociais construídas e continuadas neste local e ainda um referencial de sua localização na cidade de Tupaciguara.

Ah assim de passar na rua mesmo, pois passo na rua quatro vezes ao dia, então as pessoas de perto de onde eu moro, através disso do local que passo para mim trabalhar, aí é um oi né, aí começa a conversar sobre a família, nossa aí a gente conversa panha amizade pra ver se distrai e conta as últimas notícias da cidade, as festas mesmo que vai ter no Center Show (risos) e assim vai.²²

Mara Rúbia ao trazer para sua fala, a rua como um espaço de relacionar-se mostra essa rua como um lugar de identidade entre os sujeitos que freqüentam e utilizam desse espaço. Logo, ao falar das “as últimas notícias da cidade”, percebi que nas relações sociais, sendo a rua palco dessas, as pessoas buscam se informarem sobre os acontecimentos políticos, e também ao falar das festas mostra como esses sujeitos sociais se inserem nas diferentes esferas da cidade dando assim sentidos de uma abordagem das trabalhadoras como sujeitos sociais na sua multiplicidade de serem sujeitos ativos. Percebo esse espaço como:

Lutas por direitos vão além das usuais questões de classe e da busca da possibilidade de informar-se, instruir-se ou expressar-se a partir de lugares sociais reconhecidos e implicitamente postulados como fixos ou de compartilhar um conjunto bem delimitado de direitos. Elas incluem, “necessariamente, o direito de construir e reordenar diferenças, identidades e identificações: o direito a mudar, a rejeitar ou inventar tradições.”²³

Quando comecei a andar pelo bairro Tiradentes local de moradia e trabalho das mulheres, procurei ficar atenta e com o olhar aguçado para as relações sociais constituídas ali perpassavam a esfera do trabalho e ainda a forma de morar das pessoas. Pois sendo muito

²¹ Hualda Martins Mamede Alves. Açougueira. Entrevista realizada em 03/10/2007. Tupaciguara - MG.

²² Mara Rúbia Alves de Araújo. Auxiliar de Serviços Gerais. Center Show: local de festas tipicamente sertanejas localizada no bairro Tiradentes. Entrevista realizada em 03/11/2007.

²³ ARANTES, A.A. “Desigualdade e diferença. Cultura e cidadania em tempos de globalização”. In: **Paisagens Paulistanas**. São Paulo, Campinas: Imprensa Oficial, Unicamp, 2000, p.131-163.

próximas as lutas dos grupos sociais ali presente e em determinados momentos em direção ao mesmo interesse desses sujeitos sociais.

Meu objetivo neste capítulo é compreender como os sujeitos sociais fazem e vivem a História de Tupaciguara que é a cidade dessas mulheres logo, significam o morar e trabalhar na cidade. Para o proposto a indagação da escolha da atividade na cidade, o motivo, o local são questionamentos que fiz para as mulheres para compreender como se deu e dá-se as relações dos sujeitos sociais no bairro Tiradentes, conseqüentemente em Tupaciguara.

As mulheres vieram com suas famílias para a cidade em torno dos anos 70-80, com a diminuição do trabalho nas roças e ainda temos os companheiros das mulheres entrevistadas continuam trabalhando nas fazendas, como bóias-frias. Por conseguinte percebe-se que o capitalismo agrário trouxe e traz mudanças na vida de muitas famílias trabalhadoras e temos muitos trabalhos na cidade de Tupaciguara fomentados pela agricultura e pecuária.

Ao indagar Cleonilda se sempre morava na cidade tive o seguinte relato:

Não até os quatorze anos eu morava nas roças com meus avós, depois eu vim pra Tupaciguara, hoje eu trabalho aqui, mudei pra estudar, que na roça era muito difícil sempre sonhei em ser cabeleireira, é estudar né, aí vim pra cidade.... O Regimarlos (marido) continua trabalhando na roça, ele sai de manhã de moto e volta à noitinha.²⁴

Na fala de Cleonilda, ao falar do marido percebi como o trabalho de bóia-fria nas fazendas próximo a Tupaciguara faz parte da vida dessas famílias que vieram do campo, logo este é lembrado e refletido como parte do dia-a-dia das mulheres minimizando a fronteira campo-cidade.

Ao falar do passado, das dificuldades de morar nas fazendas Cleonilda vincula a questão da experiência de trabalhadora e a cidade é trazida enquanto possibilidade, pois, ao me dizer, *“eu sempre sonhei em ser cabeleireira”*, está ligada ao discurso que nas cidades, Tupaciguara, sua sobrevivência através dos estudos estava garantida.

A mudança para a cidade é significada por Hualda diferentemente de Cleonilda, pois, para Hualda esta é direcionada pelo casamento.

*“É... é desde 1978 que moro aqui, foi o ano em que casei. Meu marido já morava na cidade, aí eu mudei pra cá... Ele mexe com o leilão ajudá lá sabe até hoje mais agora é menos, pois nós conseguiu abrir o açougue.”*²⁵

Dona Hualda enfatiza a data “1978”, ano em que casara a mudança para a cidade. O significado atribuído em sua narrativa da cidade é uma nova vida. O trabalho do marido está

²⁴ Cleonilda Aparecida Ferreira Tavares. Cabeleireira. Entrevista realizada em 27/02/2008. Tupaciguara-MG.

²⁵ Hualda Martins Mamede Alves. Açougueira. Entrevista realizada em 03/10/2007. Tupaciguara- MG.

vinculado com a experiência de trabalhador outrora nas fazendas, dessa forma percebo como as relações de trabalho dos homens e mulheres que vieram das fazendas “continuam”, estas atividades vinculadas ao trabalho nas roças mesmo que em condições diferentes neste caso atividade do comércio, o açougue.

A mudança para a cidade de Tupaciguara para Dona Sueli é vivida de outra forma:

Ah deixa ver se eu lembro, mais ou menos, mais ou menos em 80, 1980 não 80, não porque foi em 79 que eu casei e a gente foi pra fazenda aí depois eu devo ter morado na fazenda, quando foi que eu comecei a trabalhar aqui na Abelhinha foi em 88 tinha pouco tempo que eu morava aqui.²⁶

A fala de Sueli ao buscar recordar precisamente a data que mudara para Tupaciguara e de antemão não a tem precisamente, assim busca ao recordar do ano casamento sendo o referencial afetivo na sua memória e de quando começou a trabalhar de cantineira na “Abelhinha” uma escola infantil. A cidade para Sueli é significada como sinônimo de trabalho para a sobrevivência de sua família.

Percebi que as diferenças de significar o viver na cidade e como é sentido o tempo “roças-cidade” é muito forte para as mulheres, então perguntei para Mara Rúbia o motivo que resolvera mudar da Fazenda Lageado próxima a cidade de Tupaciguara para a cidade.

Quando eu mudei pra cidade (Tupaciguara) foi quando eu casei, tinha 17 anos.

(Renia)- Por que você mudou?

(Mara Rúbia)-Ah, porquê meu marido já morava aqui, aí ele trabalhava aqui e... eu vim e comecei a trabalhar também aí tive meus filhos aí parei uns tempos e resolvi voltá, mais aqui tem suas dificuldades, mas agente tem mais facilidade pra um remédio, postim e serviço.²⁷

A cidade é tida pela Mara Rúbia sendo um sinônimo do trabalho e quando ela mudou da fazenda para a cidade foi na perspectiva da possibilidade de melhoria de vida para a família que se formara, mesmo constatando dificuldades de ser moradora da cidade, neste caso vinculada a posição social que a mesma ocupa esta busca enfatizar em sua narrativa que valeu a pena.

Ah meu serviço é totalmente diferente do que eu fazia lá (Fazenda Lageado), a comida também porque quando a gente cozinhava lá na fazenda comida era feita no fogão a lenha, era frango caipira, era o leite que meu pai tirava lá no curral, e trazia direto lá, tinha dia que minha mãe coava, e colocava pra ferver, ficava lá em cima do fogão fervendo, não tinha geladeira, então ficava assim um leite grosso, gostoso, então hoje em dia não tem nada a ver com isso né, é tudo diferente aqui é mais complicado, pois não tinha assim aquela fartura da roça tinha que trabalhá pra comprá né, nem a comida, nem

²⁶ Sueli Aparecida da Silva. Salgadeira. Entrevista realizada em 24/11/2007. Tupaciguara-MG.

²⁷ Mara Rúbia Alves de Araújo, diarista. Entrevista realizada em 03/11/2007. Tupaciguara-MG.

o serviço só tem a lembrança mesmo e a saudade, da comida que era muito gostosa.²⁸

Ao falar das dificuldades encontradas na cidade, e a busca por um espaço, trabalho, Mara Rúbia mostra como a sua nova vida estaria cercada de mudanças.

Mara Rúbia ao marcar as diferenças da vida nas roças e hoje na cidade esta o faz de forma que a sua memória vai lembrando e dando significado, comparando as mudanças que para a mesma dessas vivências vinculadas a sua experiência de ser trabalhadora. Nota-se que ela ao produzir essa narrativa, com o questionamento que eu fizera, esta o faz não obedecendo a uma lógica cronológica sendo assim, sua fala começa pelo presente significando o passado e retornando ao presente que na sua experiência está intimamente ligada ao passado sendo as escolhas direcionadas para seu viver atual.

Sobre a mudança para a cidade de Tupaciguara e expectativas que esta teria a oferecer Dona Elza disse:

Ah eu gosto daqui, é bastante agradável,... e quando mudei pra cá (morava em São Gotardo), o médico disse para mim morar numa cidade que o clima não variasse, e fosse tranqüila né, aí meu marido trabalha com semente, e aqui produz muito né, e ainda é perto de Uberlândia fica mais fácil de conseguir atendimento médico por causa das minhas doenças.²⁹

Nota-se que para Dona Elza, a cidade de Tupaciguara contém diferentes motivos para a mudança, localização (próximo de Uberlândia) para cuidar de sua saúde, trabalho do marido, o fator da cidade ser pequena. Ao falar da mudança da cidade de São Gotardo mesmo sendo tranqüila para ela, o clima é bastante variável não sendo favorável e ao ter parentes em Tupaciguara esta se tornou uma escolha do casal.

Na fala de Euriciene as dificuldades para sobreviver de sua família tanto na roça como na cidade está presente “*A Quando a gente chegou aqui, eu morava com meu pai, eu não senti muita diferença da vida na roça porque nos primeiros anos não melhorou não era a mesma dificuldade*”³⁰.

Ao falar da escolha da quantidade de filhos, Euriciene busca minimizar o sofrimento que passara com as demais irmãs “*ah, eu gosto demais dos meus filhos, são dois eu até queira mais, mas lá em casa nois era quatro irmãs e foi muito difícil sofrido né, ah e era na roça né agora aqui a gente não dá conta né porque tudo tem que comprá né.*”³¹, a percepção das dificuldades no passado faz com que essa mulher escolha a quantidade de filhos, logo o passado está ativo em sua memória significando suas escolhas.

²⁸ Mara Rúbia Alves de Araújo, diarista. Entrevista realizada em 03/11/2007. Tupaciguara-MG.

²⁹ Elza Mória de Oliveira. Sorveteira. Entrevista realizada em 05/10/2007. Tupaciguara- MG.

³⁰ Euriciene Miranda Stort. Costureira. Entrevista realizada em 05/10/2007. Tupaciguara- MG.

³¹ Idem.

Dona Hualda ao falar do momento que mudou para a cidade com o casamento e decidiu ter um filho relacionando com o passado dos seus pais, e com a quantidade de irmãos:

Olha, eu casei e mudei pra cidade foi com 28 anos minhas irmãs casaram mais cedo, e ficou meu irmão mais novo, nós éramos cinco.. Papai e a mamãe casaram muito novos e tiveram nós, eu não queria assim, aí a gente moramo na cidade resolveu curtir o casamento, e depois eu tive um filho, pois já era arriscado na minha idade.³²

Na memória de Hualda percebi como a experiência da família é vivida no presente buscando escolhas e como esse passado está vivo nessas escolhas. A experiência que os pais de Hualda passaram é interpretada por ela como sofrimento, uma vida difícil, portanto, as ações dela é a busca por novos caminhos.

As mulheres ao trazerem para nosso diálogo as vivências com outros sujeitos nas ruas e avenidas o fazem lembrando, o passado e as relações sociais que estas constroem e dão continuidade é fomentada pelas relações desse passado. Assim, a solidariedade dos vizinhos e outros sujeitos desses locais reconhecidos se dão a partir de estratégias para viver na cidade ontem e hoje.

Para compreender as estratégias das mulheres e suas famílias da busca para viver na cidade a formação do bairro Tiradentes pelos seus moradores é o local dessas lutas. Na fala dos primeiros moradores do bairro Tiradentes mesmo em condições difíceis sem energia, rede de esgoto, aquele local que os moradores conseguiram adquirir já se constituía o local na cidade de Tupaciguara onde os mesmos possuíam um sentimento de pertencimento e de direito do mesmo.

Então, “O gato” é uma estratégia adotada pela família de D. Hualda para viver na cidade, trazendo para a sua narrativa as relações com vizinhança assim, a memória dela está presente nas relações, sendo a reciprocidade uma forma de manter os laços de amizade e forma de lembrar seu passado.

A Senhora Maria Helena ao dizer sobre suas lembranças sobre como ela enfrentou as dificuldades de morar no bairro sendo este praticamente sem estrutura tive a seguinte resposta:

Aqui nem tinha energia, aí a gente fez um gato por que na avenida tinha energia, aí a Joana (vizinhos) emprestô a energia dela pra nós (risos), mas aí o bairro foi crescendo tem as lojas comerciais e hoje tá assim num local privilegiado.³³

³²Hualda Martins Mamede Alves. Açougueira. Entrevista realizada em 03/10/2007. Tupaciguara- MG.

³³ Maria Helena Magalhães. Manicure. Entrevista realizada em 18/11/2007. Tupaciguara-MG.

Ao falar de uma estratégia, “o gato”, também lembrado nesta narrativa, que fizera juntamente com os vizinhos, para conseguir viver na cidade, Dona Maria Helena traz para sua narrativa a importância dessa rede de amizades que cercam o viver no hoje e ontem, nas relações desses trabalhadores.

Quando Dona Maria Helena disse-me dessa estratégia que aconteceu há alguns anos, essa mulher acaba me dizendo sobre a sua convivência com essas pessoas no seu presente, fazendo assim a interlocução entre presente-passado, sendo último este dado de significado nas suas atuais vivências.

A narrativa de Maria Helena mostra como as mulheres enfatizam como foi e, é, ser moradora da cidade de Tupaciguara e do bairro Tiradentes não está dissociada com sua história de vida. Na fala de Dona Maria Helena pode-se perceber a busca por privilegiar o lugar de onde fala tendo o sentimento de pertencimento do mesmo e, assim, temos na sua narrativa sua experiência sendo esta constituinte dessa realidade/espço e sobre o qual fala.

Maria Helena ao afirmar que sua casa localizada no bairro Tiradentes “*tá assim num local privilegiado*”, mostra a busca de afirmar que valeu a pena mudar pra este local no passado e ainda posiciona valorizando o espaço que significa um local de identificação.

A Sr^a Euriciene ao trazer para nossa conversa as dificuldades enfrentadas pela sua família na cidade, ela o faz relacionando com a vizinhança, pois, esta não está separada das formas de resistência para viver na cidade. A vizinhança é constatada como um meio de fazer amizades, de colaboração mútua entre essas mulheres, pois como recorda Dona Euriciene ao relembrar das amizades de longo prazo sua fala possui uma entonação de conquista e lealdade com as pessoas daquele local:

Desde os 12 anos eu moro neste bairro, mas antes de casá era em outra rua, quando vim pra minha casa, as casas era as mesmas e os meus vizinhos também e casei tem 23 anos e tem esse mesmo tempo que conheço todo mundo desse aredor (moradores próximos à casa de Eriene), eu não tenho nada a reclamar desse lugar não, pra mim hoje ele é o melhor da cidade, tem asfalto, energia, já chegou os postim de saúde... Quando a gente chegou aqui, eu morava com meu pai, eu não senti muita diferença da vida na roça porque nos primeiros anos não melhorou não era a mesma dificuldade. Eu lembro que a gente usava era a lamparina, banho a gente tinha que esquentá a água e era de litro igual na roça. E demorou pro pai comprá uma sanitária, só depois é que foi melhorando sabe, mas hoje tá nossa bem melhor.³⁴

Dona Euriciene retrata as condições precárias nos primeiros anos de sua vinda para a cidade que não é um problema único de sua família. A vizinhança toda sentia as dificuldades

³⁴ Euriciene Miranda Stort. Costureira. Entrevista realizada em 05/11/2007. Tupaciguara-MG.

mesmo com a mudança para a cidade, uma realidade nos primeiros anos que não era muito diferente para as famílias trabalhadoras da cidade de Tupaciguara.³⁵

A continuação do uso da lamparina no caso de Euriciene mostra que esta família distinta de outras com o uso do “gato”, buscou a sua forma de viver na cidade. As diferentes narrativas de mulheres com uma trajetória e experiência similar, mostram como os sujeitos históricos são múltiplos e suas ações diferentes mesmo com uma mesma realidade social e assim, buscam novas formas ou não, para viver na cidade.

Euriciene na sua narrativa fazendo comparações com sua situação hoje me disse: *“Quando a gente chegou aqui, eu morava com meu pai, eu não senti muita diferença da vida na roça porque nos primeiros anos não melhorou não era a mesma dificuldade”*, ao recordar as dificuldades Euriciene faz colocando-as de forma a questionar sobre o que era os primeiros anos viver na cidade e o que a família esperava encontrar.

Na fala de Euriciene esta transmitiu-me como foi esperado e com a demora do uso da “sanitária”, ou seja, da rede de esgoto é sentida por essa família como espera de melhoria de vida por meio do trabalho, e não como dever do estado representado pela prefeitura municipal. Então, nos primeiros anos essa família manteve a prática utilizada nas fazendas de fazer fossas.

Ao dizer que o *“banho a gente tinha que esquentá a água e era de litro igual na roça”*, Euriciene demonstra as dificuldades sentidas pela sua família à falta de energia tanto na cidade e na fazenda.

D. Euriciene ao falar do lugar de onde mora e trabalha *“casei tem 23 anos e tem esse mesmo tempo que conheço todo mundo desse redor (moradores próximos à casa de Euriciene), eu não tenho nada a reclamar desse lugar não, pra mim hoje ele é o melhor da cidade, tem asfalto, energia, já chegou os postim de saúde...”* busca enfatizar a importância desses espaços no que para ela é a memória de viver na cidade de Tupaciguara e faz interligando a sua importância como sujeitos ativos na construção daquele espaço, bairro Tiradentes, sendo sua trajetória vinculada ao trabalho.

Retomando a noção da rua como local de solidariedade dos sujeitos sociais presentes neste espaço, a fala de Maria Helena demonstra essa noção:

Aqui no bairro quando chovia, ah era uma coisa que só vendo, virava uma barrela, até pra gente sair de casa dava trabalho, a coisa era tão feia, que assim das pessoas conversá ia assim um reclamando, o outro também aí ia nós busca lá na prefeitura pra passa a patrôla porque não tinha condição,

³⁵ Vizinhança expressão utilizada pelas mulheres que entrevistei.

como que faz era assim, até chovê de novo... Aí de, pois de muito tempo é que chegou o asfalto, mas já tava assim passando da ora sabe.³⁶

Na falta do asfalto, a estratégia adotada por Dona Maria Helena e seus vizinhos era buscar se organizar e procurar melhorar as formas de viver neste espaço como a reivindicação para que a prefeitura “mandasse” a patrôla, é uma forma desses sujeitos agirem diante das adversidades do que é viver e sobreviver no bairro Tiradentes em “processo” de formação.

O lugar que estas mulheres me falaram através de suas narrativas, que está cercado das lutas empreendidas por elas junto ao lugar que vivem, trabalham, convivem com outros, é colocado pelas mulheres como um espaço que as mesmas e os moradores construíram e fizeram ativamente, logo as narrativas das mulheres chamam pra si as transformações desse espaço na cidade ora esquecido. Os problemas com a falta de energia, o asfalto, rede de esgoto, que as mulheres me relataram foram vivenciados pelos moradores do bairro Tiradentes principalmente nos anos de 1980 a 90.

O chão batido, a falta de energia com o uso do “gato”, poucos cômodos e pequenos, são estratégias adotadas pelos moradores do bairro Tiradentes, sendo as mulheres trabalhadoras que trouxeram para nosso diálogo, de viver na cidade, ou seja, criar um direito de viver nela.

As moradias são em sua maioria simples era também e é uma realidade dos moradores do bairro Tiradentes, de início as casas possuíam apenas dois cômodos como relatou Dona Sueli:

Quando a gente (Sueli e o esposo) comprou aqui nois construiu só os dois cômodos da frente sabe, pois a gente juntô um dinheirim e com a vinda pra cidade o acerto do João Roberto deu pra pagar, e aqui os terrenos era mais barato do que em outros lugar assim, mas perto do centro, aí eu lembro que aqui muita gente que não tinha condição de comprá fez que nem nois veio morar pra essas bandas...³⁷

Na narrativa de Sueli ao falar do lugar de sua moradia *“deu pra pagar aqui, os terrenos era mais barato do que em, outros lugar”* mostra como o sonho pela casa própria faz com que a escolha do lugar esteja vinculada com a sua realidade social.

Sueli mostra-se como participante na construção da sua casa *“nois construiu só os dois cômodos da frente”*, como ela disse-me ajudava o marido nos fins de semana. Ao falar de sua casa ela dá significado à mesma da relação com o marido no construir e constituir sua relação.

³⁶ Maria Helena Magalhães. Manicure. Entrevista realizada em 18/11/2007. Tupaciguara-MG.

³⁷ Sueli Aparecida da Silva. Salgadeira. Entrevista realizada em 24/11/2007. Tupaciguara -MG.

Dona Sueli ao me dizer sobre sua casa e dificuldades de conseguir comprar o terreno e construir sua casa enfatiza sua trajetória de trabalhadora, do início de uma nova família que “precisa” de um lugar para cuidar e educar os filhos.

A forma na qual cada família das mulheres que conversei vão construindo aos poucos suas casas me fez pensar como esses agentes sociais tem projetos de vida e buscam alternativas diferentes para viver nesses espaços e assim na cidade.

Ao falar de como chegou ao bairro Tiradentes, de sua casa, Dona Sueli recorda da sua experiência de esposa, trabalhadora e mãe, dessa forma continua sua fala:

Hoje a gente (ela e o marido) conseguimos fazer os quartos dos meninos, a cozinha, mas ainda falta muita coisa pra arrumá, porque antes isso aqui que é a sala era um quarto pra nois tudo imagina (risos) aí aos poucos agente vai fazendo com muito suor sabe, porque assim é muito caro mexer com construção tudo de uma vez, mesmo que aqui agente constrói é mesmo só o material, mas mesmo assim é muito caro, sabe.³⁸

Aqui Dona Sueli mostra como a moradia é significada como um sonho, realizado aos poucos. Sueli ao dizer sobre como tinha que dividir o “quarto” do casal com os filhos, faz pensar sobre a realidade de inúmeras famílias sobre o morar nas suas diferentes formas.

A construção de outros cômodos na casa para Sueli, *“conseguimos fazer os quartos dos meninos, a cozinha”*, mostra a busca por lugar de cada um na família. A intimidade do casal é um valor que Sueli mostra como importante e a “conquista” de um quarto representa no seio da família um passo muito importante.

Na fala de Sueli, *“Quando a gente (Sueli e o esposo) comprou aqui nois construiu”*, e das demais mulheres percebi que a casa passa ser um projeto de vida do casal, assim, simboliza o espaço da relação do casal. O esforço da mulher ao buscar participar ativamente dessa conquista *“aí eu não agüentava ficar parada vendo as dificuldades aqui em casa, ai resolvi costurar pra fora né”*³⁹.

Ao continuar sua narrativa Dona Sueli recorda *“aqui a gente constrói aos poucos, pois é nos final de semana, porque a gente trabalha, mas assim a gente recebe muita ajuda dos vizinhos no mutirão sabe, mas quando precisa agente ajuda né.”*⁴⁰ Ao relatar a forma como Dona Sueli e seu marido encontraram para construir sua casa, autoconstrução e “mutirão” sendo uma reciprocidade com os vizinhos, as dificuldades financeiras que seriam um obstáculo para conseguir a casa própria são superados por outras saídas para viver na cidade.

³⁸ Sueli Aparecida da Silva. Salgadeira. Entrevista realizada em 24/11/2007. Tupaciguara-MG.

³⁹ Hualda Martins Mamede Alves. Açougueira. Entrevista realizada em 03/10/2007. Tupaciguara- MG

⁴⁰ Sueli Aparecida da Silva. Salgadeira. Entrevista realizada em 24/11/2007. Tupaciguara-MG.

Ao indagar a Dona Maria Helena como se dera a mudança do bairro São Cristovão no qual pagava aluguel para o Tiradentes em busca de sua casa própria, tão sonhada pela mesma ela disse-me:

Então (risos) tem até uns materiais no fundo de casa, pra mês que vem começar a mexê, pois assim tem que juntá um dinheirim pra pagá a diária do pedreiro sabe, cimentá o fundo, fazer a área de serviço, e assim terminar mesmo é aos poucos, pintá, por exemplo, já vai demorá mais sabe, mas foi assim sabe quando compromo o terreno aqui, a gente já assim de imediato não tinha dinheiro pra mexer assim fazer a minha casa, não aí nois continuó a morá de aluguel, mais aí ficava difícil pagar aluguel e sobrá dinheiro pra construí. Aí falei pro Eurípedes (marido) vamos dá um jeito de assim arrumá lá pra morá a gente não vai dar conta de terminá, ai nóis mudamos.⁴¹

Note que para Maria Helena a casa simboliza o projeto constante de viver na cidade, pois a construção aos poucos é lembrada e vivida como um ganho diante da dificuldade do passado ao pagar aluguel. A decisão de Maria Helena em mudar mesmo não terminando sua casa mostra sua atitude em buscar um lugar que seja seu.

Ainda na fala de Maria Helena, a forma de construir é diferente de Sueli; “*Então (risos) tem até uns materiais no fundo de casa, pra mês que vem começar a mexê, pois assim tem que juntá um dinheirim pra pagá a diária do pedreiro sabe, cimentá o fundo, fazer a área de serviço, e assim terminar mesmo é aos poucos*”, notei que para Maria Helena sua participação no fazer de sua tão sonhada casa se dá a partir do seu trabalho e do seu esposo, então compram o material e pagam para construir, já Dona Sueli participa construindo nos finais de semana juntamente com o marido.

Dona Hualda ao falar de quando casou e mudara para a cidade, as lembranças da sua casa mostra como esta significa seu presente sua casa hoje:

Minha casa era de chão batido, era o que a gente tinha condição então fazer o que... continua “ah tinha vizinha eu falava “ah mas não acredito Hualda cê não pode aceitá um piso assim não tem que exigí do seu marido, mas eu sabia da minha condição eu compreendi que mesmo ajudando não dava não, aí é que né hoje como se diz a gente já trocou o piso que já tem como sabe, já melhorou que nossa foi difícil.”⁴²

Na narrativa de Hualda a mudança na sua casa paulatinamente mostra como os projetos de sua família tem significado de conquista e esta como enfatiza na sua fala sendo construída por ela e seu marido.

O reconhecimento da realidade de Hualda ao “escolher” o chão batido e o conflito com suas vizinhas “*cê não pode aceitá um piso assim não*” mostra as relações sociais

⁴¹ Maria Helena Magalhães. Manicure. Entrevista realizada em 18/11/2007. Tupaciguara. -MG.

⁴² Hualda Martins Mamede Alves. Açougueira. Entrevista realizada em 03/10/2007. Tupaciguara-MG.

intervindo na vida do casal e ainda as diferentes formas de agir dos sujeitos sociais sendo constituinte de um mesmo projeto neste caso a busca pela casa própria e “melhorias” nela.

Nessa luta por uma casa, Mara Rúbia ainda me disse que não conseguiu ainda realizar este sonho:

Eu moro por aqui, perto neste mesmo bairro, mesmo pagando aluguel, já acostumei aqui, mas eu pretendo comprar uma casa mais é muito difícil por que não tem como financiá, pois não tem como eu comprová renda né, aí eu tenho que assim comprá um terreno, e não sei acho que aí indo construindo, mas hoje em dia é muito caro né, mas eu quero continuá morando por aqui perto né senão fica difícil.⁴³

Na sua fala, Mara Rúbia mostra a dificuldade de conseguir realizar este sonho, pois, sua renda não há como comprovar para um possível financiamento, logo a alternativa que ela pretende buscar é parecida com as demais mulheres que conversei, a compra do terreno, depois ir concretizando este projeto. O esforço para não sair de perto do lugar onde mora e trabalha há anos, local no qual Mara Rúbia trabalha, nas casas dos vizinhos, isso faz com que ela busque uma casa próximo dali sendo outra dificuldade, pois, hoje o bairro Tiradentes ter muitas casas, o que não se tinha há alguns anos atrás.

Outro projeto que as mulheres me disseram foi a respeito da legalização de suas casas, escritura, pois com a construção em etapas, a situação da moradia está de forma irregular. Dona Sueli sobre essa questão comentou:

É mais ainda como a gente foi e continua mexendo aqui eu quero, a gente precisa regularizá né, mais assim é caro e a prefeitura até hoje não veio sabe tipo assim fiscalizá não sabe e desse jeito a gente vai levando, mas a gente não sabe vai que resolve⁴⁴.

Mesmo sem escritura legalizada, Dona Sueli, procura alternativas para viver e modificar sua moradia, quando diz sobre a falta da prefeitura municipal mostra como esta não está presente, a não ser época eleitoral, no dia-a-dia das pessoas do bairro Tiradentes.

Sobre essa questão da regularização da escritura temos outras falas:

Desde que comprei aqui eu tenho uma procuração sabe, porque se eu fosse pagar na época a escritura, não tinha dinheiro pra construí, mas eu tenho que arrumar essa papelada aí, morro de medo de alguém arrumar uma treta e tirá eu daqui, mas eu não saio não, eu tenho o papel que comprova. Mas se Deus quisé eu vou conseguir arrumá tudo direitinho.⁴⁵

Ah a gente (ela e o marido) sozinho não dá conta de pagar a escritura dessas reforma do aumento da casa não, aí eu já fui ver o preço mais ou menos nossa é muito caro, aí eu mais algumas vizinhas tá vendo com os vereador

⁴³ Mara Rúbia Alves de Araújo, diarista. Entrevista realizada em 03/11/2007. Tupaciguara-MG.

⁴⁴ Sueli Aparecida da Silva. Salgadeira. Entrevista realizada em 24/11/2007. Tupaciguara – MG.

⁴⁵ Maria Helena Magalhães. Manicure. Entrevista realizada em 18/11/2007. Tupaciguara- MG.

que a gente assim tem conhecimento pra vê se tem como diminuí sabe se não sei lá quando.⁴⁶

Nota-se que muitos moradores vivem uma tensão de a qualquer momento a fiscalização da prefeitura. Então o projeto futuro de regularização pelos moradores é a forma de garantir uma tranquilidade sobre suas moradias. E, é provável que a realização para esses projetos se dê de formas diferentes como propões cada narrativa.

A partir da forma como cada mulher me falou de sua casa como ambiente de conquista, relação com os filhos e marido fez-me refletir que cada cômodo, tijolo e final de semana na construção são interpretados como uma constante luta e as vitórias são alcançadas em pequenas fatias de um “bolo” tão sonhado, a casa.

A rede de serviços trocados “mutirão”, “gato” e outras estratégias de ajuda mútua trazida nas falas das mulheres fez-me perceber a cidade como espaço de relações sociais e estas interligadas a projetos individuais e coletivos para viver e conviver nessa difícil realidade social comum.

Sendo assim percebo as mulheres como sujeitos sociais ativos que forjam novas estratégias para enfrentar/lutar pelos seus sonhos que se inserem nessa cidade de Tupaciguara e é através de um trabalho com jornadas excessivas que essas mulheres constroem uma rede ligada pelo trabalho com laços de amizades, que se articulam com suas lutas do dia a dia.

As diferentes falas do trabalho como forma de sobrevivência e das relações sociais fez-me perceber a importância do mesmo na vida dessas famílias, é neste viés que iniciarei o capítulo II.

⁴⁶ Euriciene Miranda Stort. Costureira. Entrevista realizada em 05/11/2007. Tupaciguara- MG

CAPÍTULO II

EXPERIÊNCIA DE MULHERES, TRABALHADORAS, MÃES, ESPOSAS.

Neste capítulo procuro dar continuidade à análise da rede de vizinhança/solidariedade que dão sentido ao viver das mulheres no trabalho. Logo, busco afunilar a questão de como as mulheres chegaram a desenvolver diferentes atividades na cidade, como enfrentam uma jornada de trabalho excessiva e organizam seu tempo vinculado as continuidades e ruptura de seus valores e ao seu entorno. Por fim, fazer um “saldo” de como as mulheres se posicionam, se valeu a pena ou não a vinda para a cidade diante das diferentes pressões sentidas, sonhos e expectativas.

Primeiramente para compreender as relações sociais constituídas abordarei o dia-a-dia das mulheres, qual o trabalho delas para compreender como organizam seu tempo, de acordo com as nossas conversas, infelizmente muito desses relatos aconteceu com o gravador desligado. Dona Hualda disse-me que é açougueira, pois com o pequeno açougue que possui juntamente com seu marido, ela faz todo o serviço. Logo, ao relatar sua rotina disse levantar cedo para arrumar as carnes do jeito que as clientes gostam, fica até a tarde no açougue.

A senhora Sueli disse-me que faz salgadinhos, na sua organização sempre prefere organizar a quantidade, pedidos, mas enfatizou que sempre surgem imprevistos passando dia de domingo a fazê-los, mas não gosta, pois, disse-me “*ah eu tenho que curtir a família, o marido né senão eles acham ruim*”.⁴⁷

A fala de Mara Rúbia sobre a atividade atual foi à seguinte “*ah eu faço serviço gerais, sou diarista sabe*” e continua “*eu levanto cedo já tem os dias da casa da fulana, por exemplo, da Maria e aí vai e aí trabalho recebo meu dinheiro a gente se dá conversa e noutro dia começa de novo*”⁴⁸. Ao me falar de como aprendeu ela disse que sempre desde pequena lembra-se de trabalhar, logo com a mudança para a cidade “resolveu” trabalhar para fora.

Dona Euriciene disse-me que conserta roupas e faz, neste instante mostrou-me o lugar em sua casa para receber as pessoas que procuram seu serviço, percebi que estava lotado de encomendas. Diante do meu espanto ela explicou que levanta cedo para dar conta enfatizou o horário as 6:00 da manhã e conclui que à noite as 9-10 já ficava exausta.

A rotina de Dona Elza na Sorveteria se faz noutro sentido, pois, disse-me fechar as portas juntamente com os vizinhos de comércio, dado sua idade e ao perigo/violência que ela

⁴⁷ Sueli Aparecida da Silva. Salgadeira. Entrevista realizada em 24/11/2007. Tupaciguara- MG.

⁴⁸ Mara Rúbia Alves de Araújo, diarista. Entrevista realizada em 03/11/2007. Tupaciguara- MG.

sente à noite. Ela aprendeu essa atividade com os parentes que realizam em outra cidade de sua origem.

Maria Helena é manicure, ao falar de seu dia-a-dia disse como é corrido sendo que algumas vezes desloca-se até as casas das pessoas, ao trabalho, mas geralmente algumas clientes vão até sua casa.

Cleonilda com muita satisfação no tom de sua voz disse que é cabeleireira. E que assim, como as outras mulheres percebi sua correria, mas ela também busca organizar seu trabalho para cuidar de casa, relacionar-se com os filhos e com o marido.

Percebi que para as mulheres trabalhadoras, através das narrativas, que a relação de vizinhança no bairro Tiradentes atribui significado ao trabalho delas e foi através de uma rede de serviços trocados que consegui chegar e selecionar as mulheres que conversei.

Dona Elza na sua fala do lugar que trabalha, instigou-me a perceber e questioná-la como é trabalhar no bairro e como se dá as relações com demais pessoas desse local.

Assim, sua narrativa traz o significado para ela de morar e trabalhar no bairro Tiradentes, logo, em Tupaciguara e explicita esses laços construídos:

Ah eu gosto daqui (bairro Tiradentes), conheço todo mundo que freqüenta aqui, é bastante agradável, os vizinhos de serviço são muitos companheiro sabe, e agente procura trabalhar unido troca serviços, né fecha as portas de noite junto né, pois como sou de idade, eles me ajudam... E aqui tem né as lojas de tecido como eu gosto de mandar fazer roupas, eu mando fazer as minhas roupas por causa do problema de coluna porque eu costurava né, agora eu peço pra Ciene (Euriciene).⁴⁹

Na sua fala Dona Elza, *“conheço todo mundo que freqüenta aqui”*, a forma como fala ela busca enfatizar que tem amizades e a noção de que conhece todo mundo daquele espaço é uma maneira de demonstrar para mim que aquele é um local de identificação das pessoas que ali moram, trabalham, enfim, vivem. Notei pela entonação de Dona Elza que o trabalhar perpassa uma atividade para sobreviver, ao me dizer da vizinhança, ou seja, das relações sociais que ela possui com os demais trabalhadores.

Dona Elza ao dizer da rede de solidariedade com outros sujeitos também trabalhadores demonstra muita gratidão na sua voz, e busca retribuir dando significado quando me diz *“agente procura trabalhar unido troca serviços, né fecha as portas junto”* mostra como essas atitudes do dia-a-dia fazem parte se ser trabalhador nesse local da cidade.

As relações construídas por Dona Elza se fazem pelo trabalho e esta constitui também pela amizade quando diz sobre a Euriciene, e ainda como me disse já foi costureira, mas no

⁴⁹ Elza Mória de Oliveira. Sorveteira. Entrevista realizada em 05/10/2007. Tupaciguara-MG.

presente enfatiza “*mando fazer as minhas roupas por causa do problema de coluna*”, logo, ao me dizer de “Ciene” ela possui com a amiga uma identificação através da sua atividade no passado, costureira.

Dona Elza foi uma das primeiras mulheres que conversei e na sua fala dá ênfase nessas relações construídas em torno do trabalho, passei a observar e questionar a atividade das mulheres, o ir e vir que observei nas ruas do bairro Tiradentes.

O movimento vai além das “obrigações” sendo momentos de diálogos (conversas) entre esses sujeitos tornando-se bastante expressivo das relações deste grupo social, motivo que despertou meu interesse sobre esses espaços de sociabilidades.

Nesse sentido, o trabalho traz um sentimento de reconhecimento nas relações com as pessoas que de alguma forma trocam serviços tornando laços de amizades fortes e assim mudanças de valores alcançam a esfera familiar. Ao refletir sobre essa questão é possível dizer que as mudanças nos valores e nas relações familiares se faz sobre influência das relações de trabalho e vice-versa.

Com a indicação de Dona Elza, procurei Euriciene, quando a questioneei sobre as amizades que fizera na cidade de Tupaciguara, sendo essas amizades constituídas no bairro Tiradentes, tive a seguinte resposta:

Nossa, eu tenho muita amizade aqui, graças a Deus, ah eu conheço muita gente porque vem consertá e fazer roupa aí a gente passa a conversá, a minha casa é cheia quase que o dia todo, às vezes quando acontece alguma coisa tipo uma doença sabe, que a gente sai fica fora nossa as pessoas fica todo mundo querendo sabe o que aconteceu comigo, é muito bom ter essas amizades distrai a mente aí a gente até para de ficar pensando em problema.⁵⁰

Na fala de Dona Euriciene quando esta diz que sua casa “*é cheia quase que o dia todo*” dado o seu trabalho de ser costureira logo notamos como essas relações de amizades são construídas pelo trabalho. Ao falar que conhece muita gente Euriciene mostra os vínculos de relações de amizade constituídos em sua memória, com as mulheres que freqüentam sua casa primeiramente pela sua atividade sendo essas mulheres em sua grande maioria moradoras e trabalhadoras do bairro Tiradentes.

Dona Euriciene ao relatar sobre o lugar onde mora e trabalha local que revela mais que um espaço na cidade, mas um território de identificação com os sujeitos sociais ali presentes e as mudanças que os mesmos realizaram trazidas para nosso diálogo possibilitou pensar como

⁵⁰ Euriciene Miranda Stort. Costureira. Entrevista realizada em 03/11/2007. Tupaciguara-MG.

são agentes neste local. Percebi através do tom na fala dessa mulher e do brilho nos olhos dando significado e importância como sujeito naquelas relações sociais.

O convívio diário com as pessoas sendo o trabalho palco dessas relações, a moradia próxima a este local e ainda do contato de passar pela mesma rua faz com que as relações tornem-se mais próximas dessas pessoas incluindo também os homens já que não estão isolados dessa rede de convivência.

A narrativa de Mara Rúbia ao questioná-la como conheceu as pessoas que de alguma forma circulam pelo bairro Tiradentes, fez com que percebesse a importância das relações sociais para além de laços eminentes do trabalho, e, assim perceber um viver na cidade desses sujeitos sociais.

Minha entrevista com Mara Rúbia Alves de Araújo aconteceu no dia 03/11/2007 cheguei até ela por indicação de Dona Euriciene, pois esta me disse que Mara Rúbia frequenta bastante sua residência buscando o serviço dela e pela amizade construída.

A narrativa de Mara Rúbia deixa bem explícita essa relação de convivência diária na qual os conhecidos são vistos com mais frequência do que os parentes que geralmente moram longe pude perceber essa proximidade nas relações do dia-a-dia. Quando perguntei para Mara Rúbia sobre se conhece as pessoas do bairro Tiradentes e de que forma essas relações se deram:

Ah assim de passar na rua mesmo, pois passo na rua quatro vezes ao dia, então as pessoas de perto de onde eu moro, através disso do local que passo para mim trabalhar, aí é um oi né, aí começa a conversar sobre a família, nossa aí a gente conversa panha amizade pra ver se distrai e conta as últimas notícias da cidade, as festas mesmo que vai ter no Center Show (risos) e assim vai.⁵¹

Notemos que na fala de Mara Rúbia o ir e vir corrido desses trabalhadores, no qual o trabalho e muitas vezes a falta de tempo para as conversas, os trabalhadores, neste caso as mulheres forjam saídas para manter laços de amizades.

Mara Rúbia ao passar pela rua e ser conhecida dada a sua atividade de trabalhadora naquele espaço da cidade e residir no bairro Tiradentes cria em torno de si enquanto sujeito uma identificação com as pessoas daquele local. Identificação esta principalmente com as mulheres que mantêm laços sobre seu trabalho sendo que frequenta muitas residências sendo diarista e construindo amizades, ao dizer-me das “notícias da cidade, as festas” mostrando como ser agente político, social (lazer) dá-se noutras esferas que não institucionais.

⁵¹ Mara Rúbia Alves de Araújo. Diarista. Center Show: local de festas tipicamente sertanejas localizada no bairro Tiradentes. Entrevista realizada em 03/11/2007.

A narrativa de Cleonilda ao me dizer sobre seu trabalho de cabeleireira foi a seguinte: *“gosto, gosto... Eu trabalhando fora sinto que sou reconhecida pelo que faço, todos da vizinhança me conhece, gosto de trabalhar hoje no salão”* ⁵² procura localizar sua importância e de seu trabalho por ser reconhecida pelos sujeitos que convive sendo agente nessas relações, percebo que essa mulher é sujeito histórico que vive, age e sonha como os demais sujeitos que conversei cada um com sua singularidade.

Ao frisar que gosta de trabalhar e o tom de sua voz na narrativa a Sr.^a Cleonilda mostra a perspectiva que o trabalho para as mulheres que entrevistei perpassa uma atividade sendo um viver e dar continuidade as relações com outros sujeitos.

Essa rede construída que é de vizinhança, solidariedade, pois é espaço que diferentes sujeitos buscam conviver na cidade pode sugerir ser harmônica já que se tem ajuda e problemas do dia-a-dia praticamente os mesmos sendo as famílias com baixa renda, jornada de trabalho excessiva e filhos para cuidar pode-se estar cometendo erros. Com decorrer da pesquisa tive brechas que colocaram essa mesma relação de vizinhança imbricada de conflitos, tensões mostrando que as vivências e trajetórias em comum não fazem com que os sujeitos sociais tenham uma relação inteiramente harmoniosa.

A fala de Dona Sueli, quando questionada por mim sobre como se sente ao ser uma mulher trabalhadora demonstra o valor que o trabalho tem para as mulheres que entrevistei:

Eu sempre trabalhei tentei de tudo um pouco, pra quem quê trabalhar tem serviço seja qual for, não é o pior aqui mesmo na vizinhança tem mulher que fica aí depois do almoço já acabou o serviço e fica parada, ah eu não, não agüento... É não o pior é que tem mesmo que acomodam aqui mesmo na vizinhança elas ficam paradas acha que fazer esses serviços que faço é ruim e eu acho que não é bom não porque se a mulher não ajudar o marido não é fácil, a gente tem que tá sempre ajudando de uma maneira ou de outra tem que procurar ajudar. Porque eu tentei de tudo eu comecei, eu fiz unha, eu fiz faxina, tudo já tá ajudando né. E tem mulher que acomoda muito eu não graças a Deus toda vida eu gostei de trabalhar pra ajudar um pouquinho.⁵³

A Senhora Sueli ao trazer para sua narrativa sua experiência sobre seu o trabalho busca colocar se enquanto sujeito ativo dizendo-me que *“eu sempre trabalhei tentei de tudo um pouco, pra quem quê trabalhar tem serviço seja qual for”* e continua *“... Porque eu tentei de tudo eu comecei, eu fiz unha, eu fiz faxina, tudo já tá ajudando né.”* Dona Sueli enfatiza a trajetória das mulheres trabalhadoras tentando se firmar em um trabalho mostrando a instabilidade que as mulheres dessa pesquisa enfrentam, pois nas narrativas todas trouxeram as diferentes atividades que elas realizavam e realizam.

⁵² Cleonilda Aparecida Ferreira Tavares. Cabeleireira. Entrevista realizada em 27/02/2008. Tupaciguara- MG.

⁵³ Sueli Aparecida da Silva. Salgadeira. Entrevista realizada em 24/11/2007. Tupaciguara-MG.

Ao tentar firmar em um trabalho para conseguir a sobrevivência, as mulheres desta pesquisa, tendo como exemplo a fala de Dona Sueli, buscam em diferentes atividades *“uma noção de dignidade em que a condição de provedor se articula à de trabalhador honesto, capaz de fazer frente a todas as adversidades”*.⁵⁴ Na minha conversa com os sujeitos sociais, que trabalham na cidade de Tupaciguara percebi como o trabalho ganha *“significado por referências aos valores familiares”*.⁵⁵

Logo, ao constatar que algumas mulheres na vizinhança que não fazem algum tipo de serviço remunerado, Dona Sueli chama pra si enquanto mulher ativa e através de seus valores, tendo como viés sua experiência como trabalhadora e assim contribuindo nas despesas de casa.

Ao falar de algumas mulheres e mesmo tendo relações com essas vizinhas para comprar seus salgados, no tocante à inércia de algumas mulheres para o trabalho é bastante expressiva e revoltante para a mesma enfatizando seus valores na sua narrativa.

Como conta Dona Sueli: *“aqui mesmo na vizinhança elas ficam paradas acha que fazer esses serviços que faço é ruim e eu acho que não é bom não porque se a mulher não ajudar o marido não é fácil, a gente tem que ta sempre ajudando de uma maneira ou de outra tem que procurar ajudar.”*

O posicionamento de Sueli é bastante expressivo ao comentar sobre as mulheres que não tem uma atividade remunerada e de certa forma não tem tanta necessidade quanto às mulheres que entrevistei, logo, temos tensões nessa vizinhança mesmo com uma realidade social próxima desse grupo social. A fala de Sueli busca uma afirmação de sua trajetória para tanto a faz neste trecho em comparação com outros sujeitos sociais.

Questionar as mulheres sobre seu trabalho e como por causa das suas atividades organizam e vivem seu tempo sendo donas de casa, mãe, esposas. Percebi que os enredos trazidos pelos meus sujeitos estavam cercados por uma interlocução entre o presente e o passado na qual a trajetória de trabalhadoras significam o presente.

Na passagem de um ritmo de trabalho na fazenda para outro na cidade foi um dos grandes problemas foi a adaptação da rotina às novas condições. Ser trabalhadora na cidade apresenta questões com as quais não tinha que lidar nas roças, uma delas foi a dificuldade de trabalhar com o nascimento dos filhos.

⁵⁴ TELLES, Vera d. S.A Experiência da Insegurança: trabalho e família nas classes trabalhadoras urbanas em São Paulo. Tempo Social; Ver. Sociol. USP, 4 (1-2), 1992.p.65.

⁵⁵ Idem.

Percebi que o trabalho que as mulheres fazem no presente é significado pelas relações sociais como também pela busca do sustento, logo, a tentativa de afirmação em uma atividade, sendo que em determinados períodos estas ficaram afastadas de alguma atividade remunerada por causa dos filhos. Ao instigar a Sr^a Euriciene sobre quando resolveu ser costureira e como aprendera tive o seguinte relato:

Uaí eu com 16 anos entrei no corte e costura, foi até a Marilda do Leocádio que me deu o curso. Fiquei acho que uns dois anos no corte e costura. Isso tudo cortava, recortava fazia, fiquei um bom tempo. Aí depois casei, aí tive meus dois filhos, aí abandonei a máquina, fiquei um bom tempo sem mexer com agulha, com máquina aí o tempo foi passando, passando e eles cresceram aí resolvi começar a consertar roupa e fazer, hoje já tem uns dez anos já que eu mexo com fazer e consertá roupa.⁵⁶

Dona Euriciene ao falar de como aprendera ser costureira com uma amiga, também casada “*Marilda do Leocádio*” mostra o quão estas atividades estavam vinculados às mulheres casadas saberem realizar diversas atividades para a “autonomia” do lar e a partir desses saberes resolverem utilizá-los como renda remunerada para garantir a sua sobrevivência e da família na cidade.

As mulheres entrevistadas, tendo como exemplo a narrativa de Euriciene, sugeriram uma escolha ao afastamento por alguns anos do seu trabalho, porém percebo o quanto a função de ser mãe, dedicar e cuidar dos filhos é importante para as mesmas e ainda percebi que elas não tinham com quem deixar seus filhos. PERROT na sua análise sobre mulheres trabalhadoras traz a questão de como a maternidade para as trabalhadoras principalmente operárias no geral sentem sua experiência de trabalhadora ser deixada por alguns anos, principalmente os iniciais da criança.⁵⁷

Ao retornar ao trabalho voltado para as encomendas depois dos filhos crescidos Euriciene nos dá mostra como as famílias trabalhadoras sofrem quando tem que deixar os filhos em casa sozinhos. E, assim, buscam estratégias de ficar por perto de casa ou mesmo levá-los para o trabalho quando possível ou ainda deixam de trabalhar por um período, a fala das mulheres o cuidar dos filhos, a educação deles, a presença da mãe é muito importante sendo um dos valores que compõem as atitudes dessas mulheres em diferentes situações.

Dona Euriciene ao dizer que ficou um determinado tempo sem trabalhar de costureira e depois retornou, fez com que indagasse a mesma no tocante ao motivo do retorno ao trabalho remunerado:

⁵⁶ Euriciene Miranda Stort. Costureira. Entrevista realizada em 24/10/2007. Tupaciguara-MG.

⁵⁷ PERROT, Michele. Minha História das Mulheres. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

Ah o motivo assim... É porque, fica difícil, porque o meu marido ganha pouco, não dá assim como se diz, as despesas de casa até que dá, mas pra compra roupa, calçado, muitas coisas assim não tem como. Aí essas coisas que meus filhos precisam se eu não trabalhar não tem como.⁵⁸

À volta ao trabalho, que a fala de Euriciene transmite, como as mulheres que concederam-me entrevistas, mostra a instabilidade das classes trabalhadora. Ao lutar contra a fome, para vestir-se, as atividades das mulheres são tão fundamentais na sobrevivência da família, assim, quando pensamos em lutas das mulheres trabalhadoras elas são pensadas nessa pesquisa por esse viés.

A fala de Euriciene trouxe para minha reflexão como as mulheres trabalhadoras são agentes históricos, pois, os avanços das mulheres e de suas famílias para a satisfação de suas necessidades individuais e coletivas, ou seja, a luta pela sobrevivência. Com o trabalho remunerado que é uma luta constante das mulheres no presente e passado e com seus relatos pude perceber as lutas dessas mulheres pelo prisma delas enquanto agentes sociais sendo “donas de seu destino”, no sentido de não serem determinadas exclusivamente pelas condições que as cercam.

O retorno a atividade de costureira para a Sr^a Euriciene além de ser uma fonte de renda, é perceptível na sua narrativa que não consegue relegar da sua experiência de vida o trabalho e as relações construídas pelo fato de ser costureira dando-se nesta pesquisa no bairro Tiradentes.

Ao perguntar para as mulheres sobre lembranças da vida nas fazendas que marcaram suas vidas a percepção que ao falar da família, pai, mãe e irmãos percebo a diferença destoante na quantidade de filhos de uma geração pra outra, que ao lembrar as mulheres fazem de forma a comparar a experiência da vida na fazenda e na cidade, logo, com o presente. Então, surgiu o interesse em levantar juntamente com as minhas entrevistadas o motivo de tal escolha, ou não havia motivo, na relação do casal quem decidira ter a determinada quantidade de filhos.

Ao questionar Euriciene sobre a quantidade de filhos e a diminuição em relação aos seus pais tive a seguinte resposta.

Na minha casa como já disse era quatro mulher, aí na roça era muito sofrido a gente trabalhava pra comê, aí como eu vim pra cidade e casei com 23 anos, mas quando a gente chegou aqui era difícil também. Aí eu fui casando a vida difícil, a gente decidiu ter menos filhos, pois na roça meus pais se viravam aonde criava um filho, criava mais cinco (risos), lá era só praticamente mais de comê, já na cidade é conta de luz, mercado roupa gasta mais aí não dá pra

⁵⁸ Euriciene Miranda Stort. Costureira. Entrevista realizada em 24/10/2007. Tupaciguara- MG.

ter mais filhos, bem que a gente qué, pois meus filhos é a melhor coisa que Deus me deu tenho muito orgulho deles.⁵⁹

Na fala de Euriciene temos, enquanto, mãe e trabalhadora o sentimento de sua importância nessas relações. A responsabilidade de ter filhos pesa na decisão do casal, a experiência da vida sofrida na roça faz com que a escolha da quantidade de filhos com auxílio dos métodos contraceptivos se torne essencial.

A narrativa de Euriciene mostra seus valores, com momentos de abdicação, escolha na quantidade de filhos (prevenção) mostra como cabe muito a mulher ser principal responsável para com os filhos.

A forma que as mulheres organizam seu tempo de trabalho na cidade é sugestiva, dado o fator que o trabalho é essencial para sobrevivência e vivência da família, e a responsabilidade com os filhos é marcante na narrativa das mulheres.

Eu tenho três filhos, duas meninas e um menino, eu gosto muito de crianças sabe, meus pais tiveram oito filhos morreu já dois é, mas então pensei quando casei e fui tendo meus fios é não dá pra ter mais fio que três não aí a gente teve que esperá pra eu chegá na idade pra o médico me operá, como casei e mudei da roça pra Tupaciguara a gente morava de aluguel até eu consegui minha casinha, três crianças dava muita despesa acordava de noite chorando não tinha ninguém pra me ajudá mãe, parente, essas coisas não de vez em quando meu marido me ajudava, pois com três, hã isso quando não, um acordava o outro e aí era um chororô que era tudo no mesmo quarto sabe. E ainda num tinha com quem deixá eles, de vez em quando eles iam comigo pra eu fazer as unhas das mulher, mas tinha mulher que não gostava, fazer o que elas me pagavam aí eles foi ficando crescidinho e ficava sozinho, de vez em quando a Carmem, minha vizinha dava uma olhadinha pra mim é nesse tempo foi difícil pra mim.⁶⁰

A narrativa de Maria Helena mostra como a relação de solidariedade com os vizinhos foi importante nos primeiros anos da sua família na cidade. Ao falar da experiência de uma família com muitos irmãos, esta a tem no presente escolhendo juntamente com o marido a quantidade de filhos e a faz com o significado da vida *“tempo foi difícil”* na cidade.

Ao indagar outra mulher, Dona Hualda, sobre sua trajetória de trabalhadora, a partir deste questionamento ela trouxe sua experiência mãe, esposa e, assim, as mudanças na “rotina” com a vinda para a cidade traz modificações nos valores da família ao viver na cidade. Assim, questionei Dona Hualda qual seu trabalho, e desde quando realizava esta função:

Eu mexo, trabalho com açougue né com comércio. Desde mil..., 97 é 1997 que, foi assim meu marido sempre, não antes ele tinha uma mercearia aí

⁵⁹ Euriciene Miranda Stort. Costureira. Entrevista realizada em 24/11/2007. Tupaciguara-MG.

⁶⁰ Maria Helena Magalhães. Manicura. Entrevista realizada em 18/11/2007. Tupaciguara-MG.

vendeu né desfez a mercearia. Depois meu marido sempre queria comprara um açougue, mas eu já sabia que quem ia ficar no açougue era eu e eu tinha um filho deficiente, então eu nunca concordava com ele compra o açougue que eu não podia tomar conta. Bom aí depois tinha uma irmã dele, o rapaz do açougue ficou devendo pra ele, então a opção que ele teve foi compra o açougue pra receber a dívida aí ele perguntou:

(Esposo)-Posso compra pra você toma conta?

(Hualda)-Falei não dou, não posso porque tenho que cuida do meu filho, eu não tenho tempo disponível e você não vai ficar o dia todo de domingo a domingo. Ai a irmã dele entrou de sócia. Falei aí eu já posso ajudar, e aí eu fui me acostumando com meu filho ele ia pra escolinha eu ajudava o período da tarde e me acostumei a trabalhar mesmo com o meu filho deficiente. Aí foi passando um tempo aí eu falei não eu já posso trabalhar mesmo com meu filho já tinha acostumado. Então assim foi depois uns dois anos meu filho faleceu e eu to até hoje aí eu fico o dia inteiro né, já faz uns dez anos né, mais de dez anos.

Pode-se perceber como os cuidados com o filho deficiente faz com que em determinado período de sua vida Dona Hualda abdica de sua experiência de trabalhadora seus valores influem nessa escolha; pois em momentos de sua narrativa comentou sobre seu trabalho de costureira, como as demais mulheres que conversei. A entonação de falar de sua atividade hoje e sem a presença do filho que fizera emocionar dá significado a sua importância de trabalhadora e principalmente nas amizades busca um ponto de superar, “esquecer” no dia-a-dia a perda do filho.

Percebe-se na fala das mulheres que apesar das dificuldades trabalhadora/ mãe/esposa, os sonhos, projetos, sobreviver não é possível sem o trabalho das mesmas logo, as diferentes formas de conciliar essas funções, dividindo e priorizando determinadas tarefas em detrimento do que selecionam de mais importante.

A trajetória das mulheres no trabalho é pensada nesta pesquisa como vinculada aos filhos e marido, pois, com os nossos diálogos percebi que não tem como dissociá-los, sendo que as escolhas das mulheres não se dão sem a experiência de ser mãe e esposa.

Com o desenrolar das minhas indagações conversando com as mulheres refleti a diversidade de atividades que as mesmas já desempenharam e desempenham.

Outra entrevistada que trouxe para minha reflexão o quão é difícil essas vivências das mulheres trabalhadoras foi Cleonilda percebi em sua trajetória de trabalhadora diferentes funções que a mesma já realizara.

Quando tive o primeiro contato com Cleonilda conhecida pelos moradores e trabalhadores por Cléo, o seu salão é em frente sua casa, e tem como nome o apelido da mesma. Cléo recebeu-me com muita satisfação quando expliquei sobre meu trabalho de “saber” um pouco de sua trajetória de trabalho e disse-me que já fizera de tudo um pouco e

rimos juntas e concluindo a frase continuou “*só não matei e nem roubei*”, colocando-se como uma trabalhadora honesta, sendo esse valor muito comum no seu grupo social.

Cleonilda Aparecida Ferreira Tavares, com 41 anos no relato que concedeu-me sempre ressaltava que tinha o sonho de trabalhar e estudar, a profissão de cabeleireira nos dias atuais fora conquistada de degrau em degrau. Como mudou pra Tupaciguara ainda adolescente com 14 anos trabalhou de empregada doméstica até conseguir o certificado pelo SENAC de cabeleireira entre esse período teve dois filhos, que nos primeiros anos de vida fizeram a profissão ficar “esquecida”, também já trabalhou de costureira na sua residência.

Ao questionar Cleonice sobre quando começou exercer sua atividade de cabeleira esta trouxe na sua fala a trajetória de uma trabalhadora que buscou e busca firmar-se no trabalho.

Bem, deixa eu ver, assim com o diploma tens oito ano, porque eu já ajudava nos salão, mas como eu não tinha terminado os estudos, eu tinha que terminar e depois fazer o curso de cabeleireira...⁶¹

E continua:

...é mas não foi só isso não, pra eu chegá a ser cabeleireira, eu já fui manicure, só manicure, hoje eu também sou no salão, costureira, trabalhei em casa dos outros. Foi assim deixa ver.. , quando vim pra cidade comecei como numa fábrica de doces acho que hoje nem existe mais essa fábrica, aí a secretária comentou que ia ter um curso de cabeleireira, fiquei com vontade mais não tinha como eu fazer porque nem tinha terminado os estudos. Aí depois eu fui trabalha de doméstica, até o meu casamento, aí eu parei pra ter os meus filhos, ficava fazendo uns bicos como lavadeira, arrumadeira, ah de costureira, tudo isso eu aprendi com curiosidade e fazia pra minha casa depois passei a fazer pra fora não fiz curso desses não, a Marlene, minha amiga que me ensinou a costurar. É não era nada fácil, porque eu assim nunca tive quem me ajudasse principalmente financeira.⁶²

Percebo através da narrativa de Cleonilda que as mulheres que conversei já tinham realizado diversas atividades remuneradas como estratégias para ter os filhos por perto e mantê-los. Cleonilda ao falar que ficou um período sem trabalhar denota na minha análise uma experiência de trabalhadora/mãe “*aí eu parei pra ter meus dois filhos, ficava fazendo bicos como lavadeira, arrumadeira, ah de costureira*”, a questão do afastamento de um trabalho formal para dedicar-se aos filhos retorna na realidade das famílias das mulheres que dialoguei, e não estão isoladas de outras famílias com similar condição social/cultural.

A profissão almejada e conquistada por Cleonilda que é ser cabeleireira, através dos cursos profissionalizantes fez-me pensar como estes cursos são pensados e planejados para um determinado grupo social e essas atividades na esfera do trabalho nas cidades precisam através de um “certificado” ser reconhecida. A narrativa de Cleonilda sobre como foi sua

⁶¹ Cleonilda Aparecida Ferreira Tavares. Cabeleireira. Entrevista realizada em 27/02/2008. Tupaciguara-MG.

⁶² Idem.

trajetória para conseguir o certificado que liberasse para abrir seu próprio salão mostra a dificuldade e mesmo sabendo realizar essa atividade precisava do certificado.

Bem, deixa ver, assim com o diploma tem oito ano, porque eu já ajudava nos salão bem antes disso, pra aprender outras coisas que a gente não sabia naquela época, né que é as misturas das tintas, mas como eu não tinha terminado os estudos, tinha que terminar e depois fazer o curso de cabeleireira,... foi uma correria, tinha dia que eu nem tomava banho ia direto pra escola (risos).⁶³

A atividade de cabeleireira como enfatiza Cleonilda dá-se com sua experiência de trabalhadora, mas com a exigência do mercado esta tem que se profissionalizar e assim, os estudos é a forma que ela tem que percorrer para “conseguir” realizar uma atividade que já sabe, enfrentando uma luta contra o tempo quando esta diz “*eu nem tomava banho ia direto pra escola*” e termina a fala com risos mostrando o momento de superação e como o seu passado as lutas, escolhas fazem parte e significam o seu presente.

O fato das mulheres saberem costurar e mesmo que no presente algumas não realizavam mais essa função como meio de sobrevivência, ter sido costureira e através dessa atividade conseguir ajudar a criar os filhos é motivo de muita satisfação para as mulheres.

A alegação das mulheres de que o saber costurar, elas aprenderam praticamente sozinhas mostra como as dificuldades de sobreviver dessas famílias e como elas vieram do trabalho nas fazendas eram comuns as mulheres saberem costurar para a família, cortar os cabelos dos filhos, fazer quitandas assim, temos, nesses sujeitos, as mulheres, saberes comuns desse grupo social denotando uma experiência comum e utilizam desses valores para viver na cidade.

As mulheres que selecionei possuem em comum o fato de seu trabalho ser manual, a ligação entre esses sujeitos se torna mais forte pela eficiência que estas realizam seu trabalho de salgadeiras, açougueiras, sorveteiras, quitandeiras, serviços gerais e costureiras. E essas atividades desempenhadas pelas mulheres que conversei se articulam, pois, com o trabalho delas votado para uma atividade as outras mesmo que elas sabiam realizar acabam por “encomendar” de outras mulheres para assim manterem suas casas.

Passear pelo bairro Tiradentes e selecionar as mulheres que se dispuseram a refletir juntamente comigo através das inquietações que me cercavam, fez me aguçar o olhar para o trabalho como algo mais do que meio de sobreviver.

As mulheres com que conversei realizam diferentes atividades, açougueiras, sorveteiras, salgadeiras, costureiras, diaristas percebi no tom da fala delas e com a minha

⁶³ Cleonilda Aparecida Ferreira Tavares. Cabeleireira. Entrevista realizada em 27/02/2008. Tupaciguara-MG.

observação do espaço que elas trabalham que este trabalho é muito mais que um meio de sobreviver é sim lugar de relações sociais que trazem formas de enfrentar o dia-a-dia.

Ao perguntar para as minhas mulheres, ou seja, os sujeitos sociais que entrevistei sobre a dificuldade de trabalhar para fora e ser dona de casa como elas conseguiam manter a sua casa já que esta dispendia tempo nas tarefas domésticas; tive as seguintes respostas:

Olha não é fácil não, mas meu marido me ajuda porque no nosso açougue eu sei mais que ele. (risos) É então as pessoas pergunta as coisas e eu sei como elas querem essas coisas aí no meio da semana ele faz o almoço no domingo que o almoço sai mais tarde eu faço, no começo eu esquentava mais com a minha casa porque a gente trabalhando fora à casa da gente não fica assim, assim.. Como se diz arrumadinha o tempo todo, aí eu ficava sem graça se chegava as visita né, mas a gente acostuma, pois as pessoas tem que entendê que a gente trabalha né. Aí quando eu fico aqui no açougue, quando não dá tempo ele faz o almoço, passa um pano na casa e assim tá indo⁶⁴.

Dona Hualda ao me relatar sobre o horário de almoço que fica no açougue e o esposo vai para o fogão, ou seja, de maior movimento sendo escolha dela e do marido essa escalonação podemos perceber a mulher agindo ativamente nessa relação, questionando a noção de mulher passiva, colocando a importância e dedicação da mulher no mercado de trabalho. Temos os sujeitos sociais, as mulheres trabalhadoras, conseguindo através de seus desejos de trabalhar fora manter relações sociais agindo e transformando as relações familiares.

Com os relatos das minhas entrevistadas pude perceber que apesar de saberem fazer o trabalho doméstico com perfeição, já que aprenderam desde criança, o trabalho doméstico é relegado a terceiro plano, pois, com a conversa que tive com as mulheres, a maternidade veio em primeiro plano em suas histórias de vida. Ao me contarem que antes estas arrumavam à casa todo dia e quando voltaram a trabalhar depois de criarem os filhos ou a começar a trabalhar fora estas passaram a fazer o serviço uma vez na semana. Ao perguntar a Cleonice sobre como era a divisão do trabalho doméstico na sua casa tive a seguinte resposta:

Ah (risos), lá em casa a gente faz assim quando dá pra arrumar. Tem dia que os meninos estão apertados na escola, aí fica difícil, mas a gente dá um jeitinho, o Regimarlos, é ele é meu marido, trabalha na roça vai volta todo dia de moto aí fica difícil pra ele me ajudá mais é os meninos. Aí no meu horário de almoço eu faço o almoço junto com os meninos, e vou arrumando, aí eu tiro meu horário de almoço minhas cliente já sabe não adianta vim que o salão tá fechado, ah e aí eu, falta pagar a ultima prestação da minha empregada que é a máquina de lavar que é uma mão na roda, (risos).⁶⁵

⁶⁴ Hualda Martins Mamede Alves. Açougueira. Entrevista realizada em 29/11/2007. Tupaciguara- MG.

⁶⁵ Cleonilda Aparecida Ferreira Tavares. Cabeleireira. Entrevista realizada em 27/02/2008. Tupaciguara-MG.

A narrativa de Cleonilda reflete mudanças dado sua atividade de cabeleireira, como ela mesma me disse é cansativa e a jornada é durante dia e a noite. Na sua fala os filhos aparecem ajudando na limpeza da casa. Ao falar da máquina de lavar o entusiasmo de Cleonice sobre a inserção de eletrodomésticos na vida das mulheres facilitam a sua dupla jornada, pois, a hora de almoço para Cleonice como disse trabalha para somente ela com a ajuda dos filhos no seu salão, que fica de frente a sua casa.

Dona Sueli ao me falar da sua trajetória relatou-me que viera da fazenda e juntas percebemos como sua experiência de trabalhadora havia mudado, porém sempre na sua fala o passado está intimamente vinculado ao seu presente. Pois, na sua narrativa Dona Sueli acaba chamando pra si uma experiência de trabalhadora quando a indaguei desde quando trabalhara ela respondeu-me:

Toda vida eu trabalhei, antes de eu casar eu ajudava em casa também um pouquinho, eu quando eu fui pra morar com meu pai e meu irmão na roça eu tava com 12 anos aí eu fiz o primário fui pra roça, e eu já trabalhava assim em casa ficava sozinha em casa, aí tinha só nós três que papai trabalhava num sítio sabe. E a gente trabalhava, eu fazia comida, cozinhava para peão, eu cuidava das coisas de casa por que ele saía e só voltava á noite.⁶⁶

No relato da Sr^a Sueli as necessidades das famílias trabalhadoras imprimem uma dimensão simbólica ao passado, a experiência de desde criança trabalhar nos diz sobre uma realidade social de famílias trabalhadoras que vieram do campo. Ao lembrar-se dessa experiência Sueli está significando à mesma no presente sendo continuação de sua vivência de ser salgadeira/trabalhadora.

Assim percebi juntamente com as mulheres que conversei no decorrer de nossos diálogos como essas mulheres sempre tiveram o trabalho como referência e assim quando crianças lembram-se do ser também trabalhadoras no campo.

As mulheres trabalhadoras do bairro Tiradentes e conseqüentemente da cidade de Tupaciguara quando questionadas pelas minhas inquietações de historiadora sobre seu trabalho, o significado do mesmo, elas elencavam a noção de tempo e as mudanças, trazendo para o nosso diálogo suas trajetórias que davam significados para o trabalho no presente.

Outras dificuldades são a adaptação do corpo para um trabalho com uma carga horária grande, como disse Hualda sobre seu trabalho “*de domingo a domingo*”⁶⁷, as encomendas no caso das salgadeiras para festas fazem estas não ter hora para parar, assim, nota-se que o ritmo do trabalho nas roças é bem diferente do trabalho realizado pelas mulheres.

⁶⁶ Sueli Aparecida da Silva. Salgadeira. Entrevista realizada em 24/11/2007. Tupaciguara-MG.

⁶⁷ Hualda Martins Mamede Alves. Açougueira. Entrevista realizada em 03/10/2007. Tupaciguara-MG.

Note que as vivências através das relações sociais que está intimamente ligada ao trabalho, assim, o trabalho para as mulheres é muito mais que forma de sobreviver e sim de viver.

Pude perceber que para elas as mudanças foram bastante acentuadas e também sentidas e vividas em relação ao trabalho.

Aqui (cidade de Tupaciguara) é uma corrida contra o relógio né, tem que ser tudo a tempo e hora olhando o relógio porque senão dá tudo errado, lá (fazenda Lageado) não a gente trabalhava o dia todo, mas não tinha assim esse horário né, igual à gente podia levantar dez minutos mais tarde ou mais cedo não fazia diferença e era o pai ou a mãe que ia nas camas chamá a gente, agora aqui (cidade de Tupaciguara) não, tem que ser na hora certinha todo dia o despertador toca aí tem que levantá senão perde o horário do serviço então é assim diferente.⁶⁸

O enredo que Mara Rúbia trouxe, questões como trabalho na fazenda era marcado pelo posicionamento do sol e o seu trabalho hoje na cidade com uma jornada que vai além dos limites da natureza. O tom da narrativa que Mara Rúbia expressou bastante, as quão claras estão essas mudanças.

Na fala de Mara Rúbia ao começar com a palavra “*aqui*” busca dar significado a sua experiência de trabalhadora na cidade de Tupaciguara e ao dizer que “*é uma corrida contra o relógio né, tem que ser tudo a tempo e hora olhando o relógio porque senão dá tudo errado*” traz para o nosso diálogo como ela sente a pressão de ter que organizar seu tempo de acordo com um novo horário da cidade sendo o relógio o símbolo da realidade dos trabalhadores da cidade.

Ao recordar como eram as tarefas nas fazendas dado a percepção das diferenças Mara Rúbia continua:

Lembro, a gente levantava cedim, meu pai mais minha mãe chamava a gente na cama, tinha que levanta então, meus irmãos ajudava meu pai a tirar leite, depois ia capina, a roçá pasto essas coisas, e eu ia ajudar a minha mãe a lavar roupa, varrer terreiro, tratar de porco, trata de galinha e arrumar a casa e depois a gente ia pra escola né, ficava na escola até cinco, cinco e pouquinho da tarde. Quando a gente retornava era mais coisa pra fazer, era juntar um ovo, tinha mais tarefa.⁶⁹

A divisão de tarefas é interpretada por Mara Rúbia como uma união da família nas tarefas, o que ela percebe a diferença de trabalhar na cidade, sem estar perto dos filhos durante o dia. Mara Rúbia ao falar do seu presente faz intercalando com os lados positivos e negativos do trabalho, dos filhos na escola e sustento da família.

⁶⁸ Mara Rúbia Alves de Araújo, diarista. Entrevista realizada em 03/11/2007. Tupacigura-MG.

⁶⁹ Idem.

As diferenças do tempo pela entonação da narrativa o tempo no campo era melhor para Mara Rúbia; as diferentes atividades em alguns momentos eram boas, porém ao realizar um trabalho cansativo as mulheres indicam preferir o seu trabalho atual; a família sempre reunida, inclusive no trabalho; estas são as diferenças sentidas pelos sujeitos sociais que conversei.

A minha intenção em trabalhar as mudanças nas relações de trabalho e diferentes formas de trabalhar tem como fontes orais, a fala de mulheres trabalhadoras é no sentido de dialogar como esses sujeitos sociais sentem e vivem essas mudanças, pois, na narrativa de Mara Rúbia, mostra o quão essas mulheres lutam a experiência de ser trabalhadora “autônoma” nos dias atuais.⁷⁰

As mulheres que trabalham por conta própria como Cleonilda tendo um modesto salão, de apenas uma porta, em frente à sua residência fica “presa” a lógica do mercado, pois, o trabalho é o meio de manter-se e sua família. Ao indagá-la se gosta de ser cabeleireira, trouxe para sua narrativa a interlocução do seu presente com o passado:

Gosto, gosto. Eu sempre sonhei em estudar vim pra cidade, mas com as dificuldades a gente acaba prolongando o sonho, eu trabalhando fora sinto que sou reconhecida pelo que faço, todos da vizinhança me conhece, gosto de trabalhar hoje no salão, pois na roça é muito difícil às vezes passava fome, mas aqui (salão) não tem hora de parar, você tem hora de começá e não tem hora de pará tem dia que eu chego há trabalhar dez horas por dia, é e cansativo”.⁷¹

Cleonilda ao lembrar-se da experiência que tivera nas roças e trazer para sua narrativa está resignificando através de sua memória. A fome, as dificuldades do trabalho daquele tempo é motivo de orgulho e superação para Cleonilda e para as outras mulheres com que conversei, e representa nesse grupo social, de trabalhadoras, desejos e sonhos de um viver melhor, no qual ter uma casa, um trabalho fixo e criar os filhos se inserem nesses projetos.

Na fala das mulheres ao enfatizarem ser reconhecida pelos outros sujeitos que convivem, na família é muito importante e tem um papel fundamental na mudança dos valores. Mas, como me disse Cleonilda “*eu chego há trabalhar dez horas por dia*” traz para nossa conversa a pressão de uma jornada de trabalho excessiva.

Para as mulheres apesar das dificuldades das mesmas enfrentadas que trabalho neste capítulo, achei necessário questionar essas mulheres sobre como analisam sua história, trajetória, enfim, se valeu à pena e se retornariam ao campo. Ao fazer um balanço as respostas

⁷⁰ Cf. THOMPSON, E.P. O termo ausente: Experiência. In: **A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros:** crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro:Zahar,1981.p.182.

⁷¹ Cleonilda Aparecida Ferreira Tavares. Cabeleireira. Entrevista realizada em 27/02/2008. Tupaciguara-MG.

foram todas positivas, mesmo tendo lembranças boas do passado, da origem no campo essas mantendo os costumes e reelaborando para o novo viver na cidade é a forma de continuar com suas lutas sem negar ou esquecer o passado.

Ao marcar com a Dona Sueli a entrevista esta escolheu na sua casa, sendo o local de sua atividade de salgadeira, lembro que foi em um domingo á tarde, este fato fiquei pensando como as mulheres ficam pressa a lógica do mercado e trabalham ultrapassando uma jornada “norma” de 40 horas. Ao chegar à residência de Dona Sueli esta foi de imediato me atender, e alguns minutos fiquei junto com Sueli na sua “varanda” onde faz seus salgados. Ao terminar seu trabalho ela me disse:

...eu tenho que terminar esses salgadinhos, pois a Marisa vem pegar eles agora mesmo é para uma festa sabe, eu não gosto muito se fazer salgadinhos no final de semana não, mas tem umas encomendas que a gente não pode falar não, tem dia que chego a fazer de 500 a 1000 salgadinhos (risos), é muito cansativo, mas eu gosto, e muita gente vem procurá né.⁷²

Dona Sueli na sua fala e sendo um final de semana esta estando trabalhando percebi como sua atividade é cansativa e quando diz *“eu não gosto muito se fazer salgadinhos no final de semana não”*, mostra que na sua atividade os horários não são fixos e procura conciliar seu trabalho com a família, porém é difícil, pois como me disse: *“eu gosto assim de no final de semana ficar curtindo meus filhos, o marido né que é o dia de descanso dele, mas tem dia que não tem como.”*

As diferentes narrativas me fez perceber as mudanças na vida das mulheres roçadeira, em diferentes esferas, logo, busquei indagá-las quanto aos hábitos alimentares.

Quais comidas típicas da época de quando moravam nas fazendas se elas fazem nos dias atuais ou recordavam? Quais lembranças que tinham do tempo em que moravam no campo? Foram questionamentos importantes para a minha percepção de como os costumes, os valores são essenciais e mostram as escolhas das mulheres mesmo com a dificuldade do tempo, ou melhor, da falta de tempo.

Entre as continuações de hábitos da rotina nas roças no dia-a-dia quando questionadas, tive majoritariamente a comida típica que é sempre compartilhada na família sendo considerada para essas mulheres uma forma de agradar o marido, os filhos e lembrar-se do seu passado. Porém, com a pressão da falta de tempo pelo trabalho elas fazem “pratos especiais”, em datas comemorativa, aniversários etc. e finais de semana, feriados isto quando não tem que trabalhar de última hora.

⁷² Sueli Aparecida da Silva. Salgadeira. Entrevista realizada em 24/11/2007. Tupaciguara-MG.

A narrativa de Euriciene marca bastante a continuação dos hábitos alimentares praticados pelas famílias camponesas, pois, ao narrar que os filhos e o marido gostam de todos os tipos de comida da época da roça percebemos como mesmo inseridos na cidade de Tupaciguara é possível à manutenção dos costumes que outrora se restringiam à vida no campo. *“Ah, eu faço um franguinho caipira, ovo caipira, tem a polenta que minha mãe fazia comida mesmo caipira uma delícia. Meus meninos e meu marido adoram, eles comem de tudo, verdura eles não são enjoados não”*.⁷³

No relato de Dona Hualda, percebi como as mulheres ainda mantinham relação profunda com seu local de origem (campo), pois, muitas práticas não eram conhecidas pela pesquisadora, o que me fez questionar algumas práticas como urbanas, ou rurais, sendo que muitas ultrapassam o seu limite geográfico, consideradas práticas culturais.

A manutenção de plantar cheiros verdes e legumes foi constatada em muitas residências que visitei com a minha pesquisa de campo é uma manutenção de práticas realizadas das famílias no campo, assim, o fato de Tupaciguara ser uma cidade pequena e os terrenos grandes facilita esta prática, logo, esses fatores propiciam manter uma forte raiz na identificação local a continuação desses pratos típicos do campo se torna mais fácil.

Dona Hualda ao descrever seus hábitos alimentares e de sua família trouxe com sua vinda para a cidade à continuação de ter uma horta familiar (chuchu, cebolinha, almeirão, milho, mandioca e outros) para fazer seus molhos, a carne de porco e outras carnes e pratos que levam tempo são pratos feitos no domingo, nesse ponto temos, como o tempo corrido devido ao trabalho dita os dias para melhor lembrar a sua cultura sertaneja.

A maioria da comida que faço é bem sertaneja né. Olha é uma carninha de porco né, faz lá uma suã com arroz, é uma galinha com arroz, um frango solteado, macarrão, os molhos lá do quintal mesmo, um quiabo, mandioca, essas coisas assim.⁷⁴

A alegação/utilização de que produtos industrializados feitos em curta quantidade de tempo faz com que cada dia as famílias das mulheres que pesquiso procuram produtos legítimos das roças, produtos orgânicos e no caso da carne de frango se torna muito difícil, pois, de um lado o frango de granja é rejeitado por essas famílias pelo outro o caipira se torna um produto de luxo dado o preço, então, tem-se uma diminuição em seu consumo ou ainda a criação no fundo dos terreiros.

⁷³ Euriciene Miranda Stort. Costureira. Entrevista realizada em 24/11/2007. Tupaciguara-MG.

⁷⁴ Hualda Marins Mamede Alves. Açougueira. Entrevista realizada no seu trabalho, em 18/10/2007.

Na narrativa de Maria Helena ao falar sobre o uso ou não do fogão a lenha, percebo mudanças:

Não, é hoje em dia eu não cozinho mais no fogão a lenha, eu gosto da comida caipira, mais dá muito trabalho né, aí com o meu trabalho fica difícil né, porque eu quase não tenho hora de almoço, com o fogão à gás é mais rápido né, mas quando eu mudei pra cidade e ainda num tava trabalhando o Antônio (marido de Maria Helena) trazia pra mim lenha da roça, aí depois de um tempo com a correria eu falei pra ele: - Olha cê num traz mais lenha não, que pra mim não dá mais pra cozinhar desse jeito e trabalhá, e ainda tinha que ajeitá os meninos pra escola né, aí eu deixei de usá o fogão de lenha.⁷⁵

A narrativa de Maria Helena traz a melhoria na renda familiar o uso de fogão à lenha é bastante diminuído, dado a escolhas das mulheres e a rotina do trabalho exigir mais tempo para outras atividades, que não as domésticas. Nesse costume tem-se, uma mudança, ou melhor, uma ruptura como percebi na fala de Maria Helena está intervindo ativamente na luta por melhor viver e pelo seu trabalho.

A luta por uma dieta alimentar baseada na época em que essas famílias moravam no campo não é nada fácil ora as famílias têm condições para adquirir produtos ora não, dessa forma muitos preferem manter uma horta nos fundos dos terrenos, criar galinhas ou mesmo porcos (que já é uma prática menos vista).

Na fala de Mara Rúbia a falta da comida típica relacionada com seu trabalho corrido, pois, como disse-me ela juntamente com a ajuda dos filhos faz a comida no horário de almoço, conseqüentemente, não há tempo pra realizar vários pratos que na sua voz, lembra com muita saudade.

Ah meu serviço é totalmente diferente do que eu fazia lá (Fazenda Lageado), a comida também porque quando a gente, cozinhava lá na fazenda comida era feita no fogão a lenha, era frango caipira, era o leite que meu pai tirava lá no curral, e trazia direto lá, tinha dia que minha mãe coava, e colocava pra ferver, ficava lá em cima do fogão fervendo, não tinha geladeira, então ficava assim um leite grosso, gostoso, então hoje em dia não tem nada a ver com isso né, é tudo diferente, nem a comida, nem o serviço só tem a lembrança mesmo e a saudade, da comida que era muito gostosa.⁷⁶

A forma que as mulheres entrevistadas juntamente com suas famílias reagiram ao mudar para a cidade tentando manter uma dieta alimentar mostra que esses sujeitos lutam para manter seus costumes demonstrando serem agentes na história e buscando através desses hábitos que suas origens não sejam apagadas.

⁷⁵ Maria Helena Magalhães. Manicure. Entrevista realizada em 18/11/2007. Tupaciguara-MG.

⁷⁶ Mara Rúbia Alves de Araújo, Auxiliar de serviços gerais. Entrevista realizada em 03/11/2007.

A obra de THOMPSON, na qual aborda os operários da Inglaterra vindos dos campos e a manutenção da dieta específica deles por longos períodos em contraposição às carnes suspeitas das cidades contribui para meu olhar enquanto historiadora perceber essas formas de lutas e conflitos para manutenção desses hábitos alimentares das famílias das minhas mulheres pesquisadas.⁷⁷

Na fala de dona Hualda ao fazer essa comparação de ganhos e perdas, presente passado temos, a seguinte narrativa:

Olha aqui na cidade minha vida mudou pra melhor, porque eu gosto também da cidade, mexo com comércio, me sinto bem, mas sempre quando posso dou uma idinha nas roças, e não fico lamentando não a minha vida na fazenda não, pois aqui a gente consegui casa, o nosso açougue, tive meu filho, fiz amizades.⁷⁸

Na memória de Hualda, o trabalho na cidade, o filho e o casamento estão vinculados para a mesma ao viver na cidade, assim, busca me mostrar que valeu a pena mudar para a cidade.

Mara Rúbia ao me falar “*mais aqui tem suas dificuldades, mas agente tem mais facilidade pra um remédio, postim e serviço.*” Procura comparar o viver como trabalhadora nas fazendas juntamente com os pais e na cidade. Ao falar da cidade, Mara Rúbia interpreta-a como sinônimo de uma longevidade para sua família. Dona Euriciene também frisa este ponto ao falar o que melhorou na sua vida “*pra mim hoje ele é o melhor da cidade, tem asfalto, energia, já chegou os postim de saúde...*”.

O significado das lutas das mulheres, na análise de suas narrativas, ressaltando que valeu a pena mostra a importância para as mesmas de ressaltar o seu papel como sujeito na história.

Ao fazer um balanço das experiências das mulheres ganhos e perdas procuro finalizar com a continuação, ou seja, os sonhos, projetos das mulheres.

Mas eu pretendo comprar uma casa mais é muito difícil por que não tem como financiá, pois não tem como eu comprová renda né, ai eu tenho que assim comprá um terreno, e não sei acho que ai indo construindo, mas hoje em dia é muito caro né, mas eu quero continuá morando por aqui perto né senão fica difícil...⁷⁹

Para Mara Rúbia a busca por um espaço na cidade ainda não se concretizou e a “duras penas” está pretende conseguir e outro sonho para a mesma é o estudo dos filhos “*ah assim*

⁷⁷THOMPSON, E. P. Padrões e experiência. In: **A Formação da Classe Operária Inglesa II: A maldição de Adão**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

⁷⁸Hualda Martins Mamede Alves. Açougueira. Entrevista realizada em 29/11/2007. Tupaciguara-MG

⁷⁹Mara Rúbia Alves de Araújo, diarista. Entrevista realizada em 03/11/2007. Tupaciguara-MG.

eu quero que meus filhos estude, pois na vida hoje, assim na cidade não tem como né tem que estudá pra conseguir ser alguém, eu desejo que eles estudem.

Na narrativa de Maria Helena o sonho da casa própria já realizado se transfere para o término da mesma:

Então (risos) tem até uns materiais no fundo de casa, pra mês que vem começar a mexê, pois assim tem que juntá um dinheirim pra pagá a diária do pedreiro sabe, cimentá o fundo, fazer a área de serviço, e assim terminar mesmo é aos poucos, pintá, por exemplo, já vai demorá mais sabe.⁸⁰

Dona Hualda disse ser uma pessoa realizada e que gosta muito de trabalhar logo, quando a indaguei que sonho pretende realizar esta respondeu que:

Ah assim, né hoje eu tenho minha casa, trabalho no açougue, porque assim gosto de trabalhar, eu quero continuar trabalhando, e arrumar pra aposentá mais continuá trabalhando, e quando não der mais quero ajudá num sei assim num serviço beneficente na cidade, o asilo, no orfanário essas coisas não quero Pará de tudo entende.⁸¹

Os projetos de Dona Hualda, mostraram-me como que a busca pela importância em torno do trabalho é fundamental para a mesma, o trabalho beneficente penso que está de alguma forma vinculado à sua experiência de ser mãe e com a perda do filho é uma forma de dar “continuidade” e sentido a sua vida.

Euriciene ao falar de sua casa, da escritura especificamente, mostra seu projeto para o “futuro” próximo e como não teve muito estudo busca que este sonho se realize com os filhos:

Desde que comprei aqui eu tenho uma procuração sabe, porque se eu fosse pagar na época a escritura, não tinha dinheiro pra construí, mas eu tenho que arrumar essa papelada aí,.

Hoje em dia as pessoas tem que ser humilde e honesto porque passando as pessoas para trás a gente não chega a lugar nenhum, trabalhar muito com honestidade, e estudar muito porque sem estudo hoje a gente não é ninguém, eu sei porque eu tenho pouco estudo, se eu fosse formada estaria melhor. E hoje sem estudo não consegue né serviço tem o concurso, até para ser lixeiro tem que prestar concurso, então não é fácil. Então o que eu digo para eles é para tentar ter uma vida melhor do que eu tive, que eles lute, trabalhe e consegue tudo o que eles tem vontade. Igual as pessoas trabalhar e consegui o que quê acho que é o sonho de todas as pessoas e a gente só consegue as coisas trabalhando e tendo fé em Deus muita fé e para isso também não é fácil.⁸²

A nova “batalha” para Dona Sueli, é a regularização da escritura de sua casa, dado a construção de outros cômodos.

⁸⁰ Maria Helena Magalhães. Manicure. Entrevista realizada em 18/11/2007. Tupaciguara-MG.

⁸¹ Hualda Martins Mamede Alves. Açougueira. Entrevista realizada em 29/11/2007. Tupaciguara-MG.

⁸² Euriciene Miranda Stort. Costureira. Entrevista realizada em 24/10/2007. Tupaciguara-MG.

É mais ainda como a gente foi e continua mexendo aqui eu quero, a gente precisa regularizá né, mais assim é caro e a prefeitura até hoje não veio sabe tipo assim fiscalizá não sabe e desse jeito a gente vai levando, mas a gente não sabe vai que resolve⁸³

O diálogo e inquirições fizeram-me perceber que cada mulher e demais sujeitos sociais nas dificuldades do dia-a-dia fazem estes repensarem suas trajetórias.

As mulheres, através de minhas indagações e suas narrativas posicionam tirando conclusões, das perdas, ganhos e busca por novos projetos. Os sonhos e desejos não acabam e, assim, as mulheres vão deixando “marcas” de sua experiência social na cidade, vivendo suas vidas, mantendo laços de amizades, buscando alternativas para viver na cidade.

⁸³ Sueli Aparecida da Silva. Salgadeira. Entrevista realizada em 24/11/2007. Tupaciguara-MG.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de um estudo monográfico é a possibilidade inicial de nós futuros historiadores e professores refletirmos sobre a real situação que está o mundo que vivemos. Ao escolher a História Social como caminho para minha pesquisa penso na responsabilidade de interpretar as fala e trazer para o diálogo sonhos e projetos das mulheres que tive contato neste último ano.

Ao definir meu tema, idas e vindas, percebo hoje como é importante esse trabalho de elaboração de novos roteiros. E sinto muito realizada, pois, consegui o que só com as fontes orais se consegue, ver a história real acontecer, os problemas como são sentidos nos choros de Dona Hualda ao lembrar-se do filho falecido, na risada de superação de Euriciene ao recordar suas dificuldades...

No pensar e repensar minha problemática, passei a enxergar a cidade com outros olhos foi então que atinei no sentido que as mulheres ao vir para a cidade e encontrarem um espaço que não tinha condições básicas de higiene, buscaram formas para morar e relacionar-se ali.

Dessa forma, o pertencer à cidade para elas se faz nas circunstâncias que possuem significado com a sua experiência social, assim, é possível pensar o fazer-se da cidade nas trajetórias dessas mulheres.

As mulheres ao me falarem da organização de suas atividade e vida familiar e seus maridos continuam geralmente no trabalho nas fazendas fez com que eu passasse a observar no final do dia muitos caminhões em sua carroceria com a palavra “rurais” chegando à cidade. E, assim, as mulheres ao recordar do tempo que viveram nas fazendas com seus pais, marcam as diferenças que o trabalho da família trouxeram nos relacionamentos e valores.

A “finalização” deste trabalho que foi muito enriquecedor para mim, porém percebo que as mulheres que conversei e tive contato durante um tempo continuam suas lutas, projetos que não diferente de outros no passado serão difíceis, amargos para se realizarem.

No dia-a-dia, novas indagações vão surgindo nessa dinâmica da vida. Também circulo por essa cidade. Procuro, diante dessa reflexão, andar pela cidade não apenas como uma transeunte, mas como historiadora.

A finalização de uma monografia é resultado de muito esforço e abnegação. Mas, é também o fruto que colhemos em busca de respostas a vários dilemas que encontramos no decorrer do curso.

A minha pesquisa possibilitou-me refletir sobre como os diferentes sujeitos interpretam e buscam saídas para conseguir viver numa sociedade excludente.

Neste momento, com este primeiro trabalho, percebo como é importante a pesquisa para o profissional pesquisador e professor, instigarmos a refletir e problematizar, pois acredito no não dissociar a teoria da prática na produção de conhecimento.

FONTES

1-Fontes Orais

Dona Hualda Martins Mamede Alves- foi uma das primeiras mulheres que entrevistei, têm dez nos que sua profissão é ser açougueira, sendo o açougue está localizado no bairro Tiradentes e a sua moradia também. Dona Hualda é casada, teve um filho deficiente que já falecera. No ano de 2007 quando realizei a entrevista Hualda estava com 57 anos e 29 destes casada. Foi quando mudara para a cidade de Tupaciguara-MG. Na sua profissão ela disse-me muito realizada, pois, não gostava de ficar o dia inteiro em casa, e me relatou que também no início do casamento antes de ter seu filho, trabalhava como de costureira em casa.

Cleonilda Aparecida Ferreira Tavares- 41 anos no relato que concedeu-me sempre ressaltava que tinha o sonho de trabalhar e estudar, a profissão de cabeleireira nos dias atuais fora conquistada de degrau em degrau. Como mudou pra Tupaciguara ainda adolescente com 14 anos trabalhou de empregada doméstica até conseguir o certificado pelo SENAC de cabeleireira entre esse período teve dois filhos, que nos primeiros anos de vida fizeram a profissão ficar “esquecida”, também já trabalhou de costureira na sua residência. Cleonice disse- me que sempre que “lembra” que morou no bairro Tiradentes e o seu salão e residência ficam situados no mesmo endereço neste bairro na rua José Gomes Moreira.

Mara Rúbia Alves de Araújo - até o momento da entrevista 03/11/2007 estava com 36 anos, seu trabalho hoje é ser ajudante de serviços gerais, desde criança morou na fazenda Lageado com os pais sendo os mesmo trabalhadores rurais. Quando casou aos 17 anos mudou para a cidade e teve três filhos, mora no bairro Tiradentes e sua família que posteriormente veio para Tupaciguara também se localiza neste bairro.

Euriciene Miranda Stort - tem 46 anos, trabalha como costureira em sua residência, pois, no dizer da mesma não agüentava ficar quieta apenas com o serviço de casa. Euriciene casou com 21 anos e tem dois filhos. Aos 12 anos mudou da fazenda Da Várzea com a família para a cidade de Tupaciguara entre o fim do bairro Primavera e início do Tiradentes, sua residência está localizada na rua Tiradentes.

Maria Helena Magalhães - 42 anos, ao entrevistá-la no dia 18/11/2007 na sua residência no bairro Tiradentes relatou-me que trabalha como manicura nos dias atuais e continua a fazer bico como diarista. Quando criança e adolescente “ajudava os pais na lida nas roças” aos 19 anos viera para a cidade de Tupaciguara, o motivo da vinda para a cidade fora o casamento, tem dois filhos.

Dona Elza Mória de Oliveira- concedeu-me a entrevista na sorveteria em que trabalha sozinha e juntamente com seu esposo são proprietário sendo o imóvel alugado e as instalações modestas no bairro Tiradentes, já trabalhou muitos anos como costureira. Dona Elza tinha 57 anos até a realização da entrevista dia 05/10/2007, como relatei acima é casada tem duas filhas mudou para Tupaciguara para melhor cuidar de sua saúde, pois, vinha de uma cidade menor e com menos recursos do que Tupaciguara e esta cidade para a minha entrevistada é calma, com muitas pessoas conhecidas, boas e próximo à Uberlândia local onde pode ter mais cuidados médicos.

Sueli Aparecida da Silva - tem 50 anos, casou com 20 anos tem dois filhos. Sueli recebeu-me com muita atenção em sua residência no dia 24/11/2007, como no dizer dela era um trabalho para a minha faculdade, ela estava muito preocupada com o português correto e com as datas de sua trajetória com isso teve a espontaneidade de no momento da entrevista pegar sua carteira de trabalho, mas com o desenrolar de nossas conversas percebi seu entusiasmo e, assim, ela se desprende da carteira. Hoje ela trabalha como salgadeira, mas relatou-me que já trabalhara de faxineira, manicura, cantineira na escola dos Bálsamos Distrito de Tupaciguara.

2- Censo IBGE, 2000.

3- Mapa da cidade de Tupaciguara retirado da lista sabe do ano de 2007.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Antônio. **Paisagens Paulistanas. Transformação do Espaço Público.** Campinas. Editora da Unicamp, 1999.

CALVO, R. Célia. **Muitas memórias e histórias de uma cidade, experiências e lembranças de viveres urbanos: Uberlândia-1938-1990.** Tese de Doutorado em História Social, São Paulo, PUC-SP, 2001.

DIAS, Maria Odila L.da S. **Quotidiano e Poder: em São Paulo no século XIX.** São Paulo: Brasiliense. 1984.

FENELON, Déa. R. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo? *In: História & Perspectiva*, Uberlândia, n. 6, p.9, jan/jun, 1992.

_____. **Trabalho, Cultura e Investigação Social: perspectivas de investigação.** Projeto História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: Brasil, 1981.

_____. et al. (org.). **Muitas Memórias, outras histórias.** São Paulo: Editora OlhoD'agua, 1999.

LOBO, Elizabeth S. Caminhos da Sociologia no Brasil: modos de vida experiência. *In: Tempo Social.* USP São Paulo, 4 (1-2), 1992, pp.7-15.

PAIM, Patrícia C. **Histórias e memórias de mulheres/mães/trabalhadoras enredos e lutas por direito à creche. UDI-Marta Helena, Uberlândia-MG. 1980/2005.** Tese de monografia em História Social, Uberlândia, UFU-MG, 2006.

PERROT, Michelle. **Minha História das mulheres.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

PORTELLI, Alessandro. “o que faz a história oral diferente”. *In: Cultura e representação-projeto histórico.* São Paulo: Educ., 1997.

_____. Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. *In: Projeto História.* n14, São Paulo, Brasil, fev./1997.

SAMUEL, Raphael. História local e história oral. *In: Revista Brasileira de História*, v.9, n.19, São Paulo, ANPUH/Marco Zero, Set/1989/Fev/1990.

SILVA, Angela M. ET AL. **Guia para Normalização de Trabalhos Técnico-científicos: projetos de pesquisa, trabalhos acadêmicos, dissertações e teses.** Uberlândia: Edufu, 2005.

TELLES, Vera d. S.A Experiência da Insegurança: trabalho e família nas classes trabalhadoras urbanas em São Paulo. **Tempo Social.** USP, 4 (1-2), 1992, pp.53-93.

THOMPSON, E.P. *In: A Formação da Classe Operária Inglesa II: A maldição de Adão*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. **A Miséria Da Teoria ou um planetário de erros**: crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.p.182.

_____. *Costumes em Comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia Das Letras, 1998.